

Escriba

A VOZ DO

78934617 - ID 55*438357*8

NOVEMBRO 2010

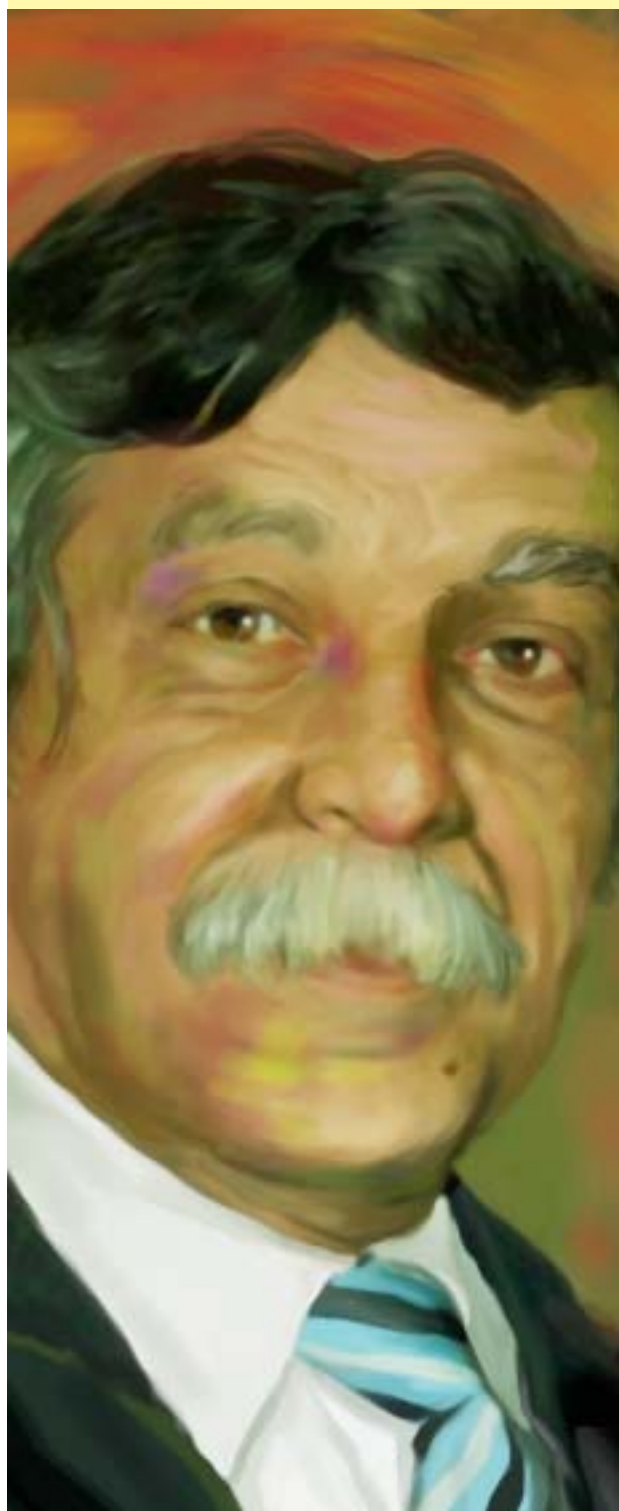
Jornalista Responsável: Jaricé Braga

bragaescriba@yahoo.com.br



O ESCRIBA NEGRO

2

78934617 - ID
55*438357*8A VOZ DO
Escriba
NOVEMBRO 2010 **Jornalista Responsável: Jaricé Braga****EDITORIAL 1****Ser negro no Brasil
e no mundo**

Publicamos nessa edição especial do nosso *A Voz do Escriba*, fragmentos da História do Negro no Brasil e no Mundo, uma edição em homenagem a Abdias Nascimento, ex-político e ativista social brasileiro.

Sou filho de Ogum, a quem elevo as oferendas de todas as dores e cores, lágrimas e sabores, o choro inconsolável das senzalas, a carne lanhada de cordas, os pulsos e os tornozelos a ferros, a solidão da raça.

Sou escravo e, no entanto, senhor de mim mesmo, pois não há ferrolho que me tranque a consciência nem moralismo que me faça encarar o corpo com os olhos da vergonha. Tão povoado é o céu de minhas crenças, que não rejeito nem

mesmo a *santería* do clero. Antes, reverencio o cavalo de São Jorge, transfiro aos altares a devoção aos meus orixás, lanço ao rio a Virgem Negra na fé de que, entre tantas brancas, trazidas no andor do senhor de escravos, chegará o tempo em que a minha será Aparecida e, a seus pés, também os joelhos dos brancos haverão de se dobrar.

Assim, eu e meu amigo Francisco Maciel resolvemos publicar uma edição histórica ilustrada para que fique guardado para fins de conhecimento em razão do negro no Brasil e no Mundo.

Abdias é um dos maiores defensores da defesa da cultura e igualdade para as populações afrodescendentes no Brasil, intelectual de grande importância para a reflexão e atividade sobre a questão do negro na sociedade brasileira. Teve uma trajetória longa e produtiva, indo desde o movimento integralista, passando por atividade de poeta (com a Hermandad, grupo com o qual viajou de forma boêmia pela América do Sul), até ativista do Movimento Negro, ator (criou em 1944 o Teatro Experimental do Negro) e escultor.

Após a volta do exílio (1968-1978), insere-se na vida política (foi deputado federal de 1983 a 1987, e senador da República de 1997 a 1999), além de colaborar fortemente para a criação do Movimento Negro Unificado (1978). Em 2006, em São Paulo, criou o dia 20 de Novembro como o dia oficial da consciência negra, o Dia de Zumbi. Recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Brasília. É autor de vários livros: “Sortilégio”, “Dramas Para Negros e Prólogo Para Brancos”, “O Negro Revoltado”, e outros.

Foi Professor Benemérito da Universidade do Estado de Nova York e doutor “Honoris Causa” pelo Estado do Rio de Janeiro, grande militante no combate à discriminação racial no Brasil.

Axé!

Jaricé Braga

EDITORIAL 2

Todo dia é dia de Zumbi



O Quilombo dos Palmares (localizado na atual região de União dos Palmares, Alagoas) era uma comunidade auto-sustentável, um reino (ou república na visão de alguns) formado por escravos negros que haviam escapado das fazendas, prisões e senzalas brasileiras. Ele ocupava uma área próxima ao tamanho de Portugal e situava-se onde era o interior da Bahia, hoje estado de Alagoas. Naquele momento sua população alcançava por volta de trinta mil pessoas.

Zumbi nasceu em Palmares, Alagoas, livre, no ano de 1655, mas foi capturado e entregue a um missionário português quando tinha aproximadamente seis anos. Batizado 'Francisco', Zumbi recebeu os sacramentos, aprendeu português e latim, e ajudava diariamente na celebração da missa. Apesar destas tentativas de aculturá-lo, Zumbi escapou em 1670 e, com quinze anos, retornou ao seu local de origem. Zumbi se tornou conhecido pela sua destreza e astúcia na luta e já era um estrategista militar respeitável quando chegou aos vinte e poucos anos.

Por volta de 1678, o governador da Capitania de Pernambuco cansado do longo conflito com o Quilombo de Palmares, se aproximou do líder de Palmares, Ganga Zumba, com uma oferta de paz. Foi oferecida a liberdade para todos os escravos fugidos se o quilombo se submetesse à autoridade da Coroa Portuguesa; a proposta foi aceita, mas Zumbi rejeitou a proposta do governador e desafiou a liderança de Ganga Zumba. Prometendo continuar a resistência contra a opressão portuguesa, Zumbi tornou-se o novo líder do quilombo de Palmares.

Quinze anos após Zumbi ter assumido a liderança, o bandeirante paulista Domingos Jorge Velho foi chamado para organizar a invasão do quilombo. Em 6 de fevereiro de 1694 a capital de Palmares foi destruída e Zumbi ferido. Apesar de ter sobrevivido, foi traído por Antonio Soares, e surpreendido pelo capitão Furtado de Mendonça em seu reduto (talvez a Serra Dois Irmãos). Apunhalado, resiste, mas é morto com 20 guerreiros quase dois anos após a batalha, em 20 de novembro de 1695. Teve a cabeça cortada, salgada e levada ao governador Melo e Castro. Em Recife, a cabeça foi exposta em praça pública, visando desmentir a crença da população sobre a lenda da imortalidade de Zumbi.

Em 14 de março de 1696 o governador de Pernambuco Caetano de Melo e Castro escreveu ao Rei: "Determinei que pusessem sua cabeça em um poste no lugar mais público desta praça, para satisfazer os ofendidos e justamente queixosos e atemorizar os negros que supersticiosamente julgavam Zumbi um imortal, para que entendessem que esta empresa acabava de todo com os Palmares

tributo - Escultura em homenagem a Zumbi dos Palmares em Poá - SP. Zumbi é hoje, para determinados segmentos da população brasileira, um símbolo de resistência. Em 1995, a data de sua morte foi adotada como o dia da Consciência Negra. É também um dos nomes mais importantes da Capoeira.

Atualmente, o dia 20 de novembro, feriado em mais de 200 cidades brasileiras, é celebrado como Dia da Consciência Negra. O dia tem um significado especial para os negros brasileiros que reverenciam Zumbi como o herói que lutou pela liberdade e como um símbolo de liberdade. Hilda Dias dos Santos incentivou a criação do Memorial Zumbi dos Palmares.

Tributo a Zumbi – "Zambi", música composta por Edu Lobo e Vinicius de Moraes e popularizada por Elis Regina. Mencionado em diversas letras da banda Soulfly. Mencionado na música "Ratamahatta", da banda Sepultura. Mencionado na música "Apesar de Cigano", composta por Altay Veloso e Aladim Teixeira, e interpretada por Jorge Vercillo no álbum "Leve". Seu nome é dado a um lutador no jogo feito em Adobe Flash: Capoeira Fighter 2. Quilombo, 1985, filme de Carlos Diegues sobre o Quilombo dos Palmares. Gilberto Gil lançou um CD chamado "Z300 Anos de Zumbi". A banda de nome Chico Science & Nação Zumbi (atualmente é chamada somente de Nação Zumbi, após a morte do vocalista Chico Science). Música de Jorge Ben também cantada por Caetano Veloso nos CDs Noites do Norte e Noites do Norte Ao Vivo.

Música "300 anos" gravada por Alcione em 2007 (composta por Altay Veloso e Paulo César Feital). Nome do aeroporto de Maceió, Alagoas (Aeroporto Internacional Zumbi dos Palmares).

Música "Palmares 1999" feita por Natiruts.

Francisco Maciel

ORFEU NEGRO

Abdias Nascimento nasce em Franca, SP, em 1914, o segundo filho de Dona Josina, a doceira da cidade, e Seu Bem-Bem, músico e sapateiro. Abdias cresce numa família coesa, carinhosa e organizada, porém pobre, e vai se diplomar em contabilidade pelo Atheneu Francano em 1929.

Com 15 anos, alista-se no exército e vai morar na capital São Paulo. Na década dos 1930, engaja-se na Frente Negra Brasileira e luta contra a segregação racial em estabelecimentos comerciais da cidade. Prossegue na luta contra o racismo organizando o Congresso Afro-Campineiro em 1938. Funda em 1944 o Teatro Experimental do Negro, entidade que patrocina a Convenção Nacional do Negro em 1945-46.

A Convenção propõe à Assembléia Nacional Constituinte de 1946 a inclusão de políticas públicas para a população afro-descendente e um dispositivo constitucional definindo a discriminação racial como crime de lesa-pátria.

À frente do TEN, Abdias organiza o 1º Congresso do Negro Brasileiro em 1950.

Militante do antigo PTB, após o golpe de 1964 participa desde o exílio na formação do PDT. Já no Brasil, lidera em 1981 a criação da Secretaria do Movimento Negro do PDT.

Na qualidade de primeiro deputado federal afro-brasileiro a dedicar seu mandato à luta contra o racismo (1983-87), apresenta projetos de lei definindo o racismo como crime e criando mecanismos de ação compensatória para construir a verdadeira igualdade para os negros na sociedade brasileira. Como senador da República (1991, 1996-99), continua essa linha de atuação.

O Governador Leonel Brizola o nomeia Secretário de Defesa e Promoção das Populações Afro-Brasileiras do Estado do Rio de Janeiro (1991-94). Mais tarde, é nomeado primeiro titular da Secretaria Estadual de Cidadania e Direitos Humanos (1999-2000).

O trajetória acadêmica de Abdias Nascimento é brilhante: Professor Emérito, Universidade do Estado de Nova York, Buffalo (Professor Titular de 1971 a 1981, fundou a cadeira de Cultura Africana no Novo Mundo no Centro de Estudos Portorriquenhos). Artista plástico, escritor, poeta, dramaturgo. Bacharel em Economia, Universidade do Rio de Janeiro, 1938. Diploma pós-universitário, Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), 1957. Pós-graduação em Estudos do Mar, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/ Ministério da Marinha, 1967. Doutor Honoris Causa, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1993. Doutor Honoris Causa, Universidade Federal da Bahia, 2000.

Na política, também não deixa a desejar. Deputado federal (1983-86). Secretário de Estado, Governo do Rio de Janeiro, Secretaria Extraordinária de Defesa e Promoção das Populações Afro-Brasileiras (SEAFRO) (1991-1994). Senador da República (1991-99). Suplente do Senador Darcy Ribeiro, assumiu a cadeira no Senado, representando o Rio de Janeiro pelo PDT em dois períodos: 1991-1992 e 1997-99. Secretário de Estado de Direitos Humanos e da Cidadania, Governo do Estado do Rio de Janeiro, 1999. Coordenador do Conselho de Direitos Humanos, 1999-2000.



Abdias sendo homenageado pelo Presidente Luiz Inacio Lula da Silva



Abdias com o Editor do A Voz do Escriba Francisco Maciel em entrevista exclusiva

O trajetória acadêmica de Abdias Nascimento é brilhante: Professor Emérito, Universidade do Estado de Nova York, Buffalo (Professor Titular de 1971 a 1981, fundou a cadeira de Cultura Africana no Novo Mundo no Centro de Estudos Portorriquenhos). Artista plástico, escritor, poeta, dramaturgo. Bacharel em Economia, Universidade do Rio de Janeiro, 1938. Diploma pós-universitário, Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), 1957. Pós-graduação em Estudos do Mar, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/Ministério da Marinha, 1967. Doutor Honoris Causa, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1993. Doutor Honoris Causa, Universidade Federal da Bahia, 2000.

Homenagem a Abdias Nascimento



O Governador Leonel Brizola o nomeia Secretário de Defesa e Promoção das Populações Afro-Brasileiras do Estado do Rio de Janeiro (1991-94). Mais tarde, é nomeado primeiro titular da Secretaria Estadual de Cidadania e Direitos Humanos (1999-2000).



Abdias Nascimento pelo mundo

Em 1968, Abdias viaja aos Estados Unidos com apoio da Fundação Fairfield, para encontrar-se com lideranças do movimento social afronorteamericano. No roteiro dessa viagem, visita a Spirit House, do poeta Amiri Baraka (LeRoi Jones) em Newark. Viaja também a Oakland, Califórnia, onde é recebido por Bobby Seale na sede dos Panteras Negras. Visita várias instituições no Harlem, em Nova Iorque, inclusive o Negro Theater Ensemble.

No dia da promulgação do AI-5, Abdias encontra-se em Nova Iorque e lá fica, inaugurando um novo período de sua vida e atividade cultural e política.

Durante o período de exílio nos Estados Unidos, leciona na Escola de Artes Dramáticas da Universidade Yale; participa, na qualidade de Visiting Fellow, do seminário A Humanidade em Revolta na Universidade Wesleyan, em Middletown, CN. Funda a cadeira de Cultura Africana no Novo Mundo, Centro de Estudos Portorriquenhos, Universidade do Estado de Nova Iorque, Búfalo, onde leciona até 1981.

Participa em vários eventos internacionais do mundo africano, como o 6º Congresso Pan-Africano (Dar-es-Salaam, 1974) e o Encontro por Alternativas para o Mundo Africano, reunião de fundação da União de Escritores Africanos (Dakar, 1976). Leciona como professor visitante no Departamento de Línguas e Literaturas Africanas da Universidade de Ifé, na cidade sagrada de Ilé-Ifé, Nigéria. Participa do 2º Festival Mundial de Artes e Culturas Negras e Africanas (Festac '77), em Lagos, e do 1º e 2º Congressos de Cultura Negra das Américas (Cali, Colômbia, 1977 e Panamá, 1980) e é eleito Coordenador Geral do Terceiro Congresso de Cultura Negra das Américas.

Volta ao Brasil com a decretação da anistia, e na qualidade de deputado federal, senador e secretário de estado, continua sua atividade a nível internacional. Apresenta propostas de rompimento de relações com o regime racista sul-africano e de apoio à libertação da Namíbia.

Organiza o 3º Congresso de Cultura Negra das Américas, realizado pelo IPEAFRO em São Paulo em 1982. Organiza e participa de vários seminários internacionais, com patrocínio da ONU, em apoio à independência da Namíbia.

A convite do Governo de Gana, profere em 1988 a palestra inaugural de uma série anual em homenagem ao sociólogo pan-africanista W. E. B. Du Bois, organizada pelo Centro W. E. B. Du Bois de Cultura Pan-Africana em Accra. Em 1989,

cumprir missão em Angola como consultor da UNESCO.

Em 1994 participa, representando o Estado do Rio de Janeiro, no primeiro encontro do Congresso Nacional Africano da África do Sul realizado em Durban após a libertação de Nelson Mandela. Pouco antes das eleições, em outubro de 1994, participa da delegação do PDT à primeira reunião da Internacional Socialista realizada em terras africanas, em Johannesburg, África do Sul.

Em 1995, a convite do novo Governo da República da Namíbia, comparece às celebrações da independência daquele país em Windhoek.

É escolhido patrono do Congresso Continental dos Povos Negros das Américas, realizado no Parlamento Latinoamericano em São Paulo, em comemoração ao Tricentenário da Imortalidade de Zumbi dos Palmares, 20 de novembro de 1995.

Em 2001, é agraciado pelo Centro Schomburg de Pesquisa da Cultura Negra, centro de referência mundial que integra o sistema de bibliotecas públicas do município de Nova Iorque, com o Prêmio Herança Africana Mundial comemorativo dos 75 anos da fundação daquela instituição.

De 1996 a 2001, participa do projeto Além do Racismo: Iniciativa Comparativa de Relações Humanas Brasil, África do Sul e Estados Unidos, organizada pela Fundação Sulista de Educação, de Atlanta, GA, EUA (www.beyondracism.org). Contribui com textos e depoimentos, e participa de reunião internacional realizada em Capetown, África do Sul.

A convite das entidades organizadoras, profere a palestra de abertura da 2ª Plenária Nacional de Entidades Negras Rumo à 3ª Conferência Mundial contra o Racismo (Rio de Janeiro, maio de 2001). Participa na própria Conferência, em Durban, como um dos palestrantes principais (Keynote Speakers) do Fórum Mundial das ONGs, a convite da organização internacional da Conferência.

Recebe o Prêmio UNESCO na Categoria Direitos Humanos e Cultura de Paz em 2001 e o Prêmio Comemorativo das Nações Unidas por Serviços Relevantes em Direitos Humanos em 2003.

Em 2004, na ocasião dos dez anos de liberdade do regime de apartheid, recebe prêmio de reconhecimento do Governo da República da África do Sul pelo seu trabalho em prol da campanha internacional pela democratização daquele país.

Os textos de alguns dos discursos e pronunciamentos feitos nos fóruns internacionais mencionados estão no livro *O Quilombismo*, 2ª ed. Brasília: Fundação Cultural Palmares/ OR Editora, 2002.



Abdias Nascimento e o Surgimento de um Pan-Africanismo Contemporâneo Global

Ao sair do seu país para o exílio, em 1968, Nascimento penetrou diretamente numa situação mundial marcada por fortes correntes políticas, no nível dos Estados, que ele teve de assumir ou rejeitar quase de imediato. Em primeiro lugar, o mundo estava dividido entre dois blocos, comunista e capitalista. Ele não se alinhou com nenhum deles. No seio do pan-africanismo, ele foi igualmente obrigado a operar uma seleção imediata entre as três grandes vertentes históricas desse movimento, assim como entre as diversas correntes que se agitavam no interior de cada uma delas.

No momento em que Nascimento começou a atuar na arena internacional, o pan-africanismo era uma força desgastada e em plena bancarrota como expressão dos anseios dos povos negros em geral. Ora absorvido pela poderosa dinâmica do movimento comunista internacional (maoísmo, castrismo, leninismo, stalinismo, trotsquismo...); ora desacreditado pelas próprias práticas das elites negras que assumiram o comando de Estados soberanos na África, no Caribe e no Pacífico nas décadas dos 1960 e 1970; ora pervertido pelos sectarismos e extremismos de membros de sua faixa “nacionalista” - o pan-africanismo como tal encontrava-se num processo de decadência intelectual justo no momento em que mais as lutas dos povos afrodescendentes dele precisavam como instrumento de combate. Mas a preocupação maior naquele momento tinha-se voltado à redefinição de uma linha de conduta política e cultural capaz de sustentar as lutas específicas dos povos e comunidades afrodescendentes de todo o mundo. O ambiente internacional, marcado pela bipolarização ideológica e estratégica entre blocos, e pela crescente distância entre as possibilidades econômicas e tecnológicas do Norte em relação ao Sul, tinha se tornado demasiado complexo para as idéias programáticas já obsoletizadas do velho pan-africanismo de início do século. A primeira contribuição de Abdias do Nascimento a esse propósito de renovação ideológica foi a introdução da experiência diferenciada dos povos



afrodescendentes da América Latina no grande debate sobre a composição de uma nova sociedade. Assim, a discussão da questão racial ganhou nova dimensão intelectual e teórica com as teses “nascimentistas” sobre o modelo sócio-racial ibero-latino.

No fim das contas, qual teria sido a relação de Nascimento com as três vertentes do pan-africanismo mundial? Sem dúvida, ele tinha afinidades marcadas com o pan-africanismo “diaspórico-continentalista” (Marcus Garvey, Malcolm X, Maulana Ron Karenga, Elijah Muhammed, Patrice Lumumba), e se identificou de imediato com essa vertente. Mas também combateu com vigor os extremismos e sectarismos que a minavam.

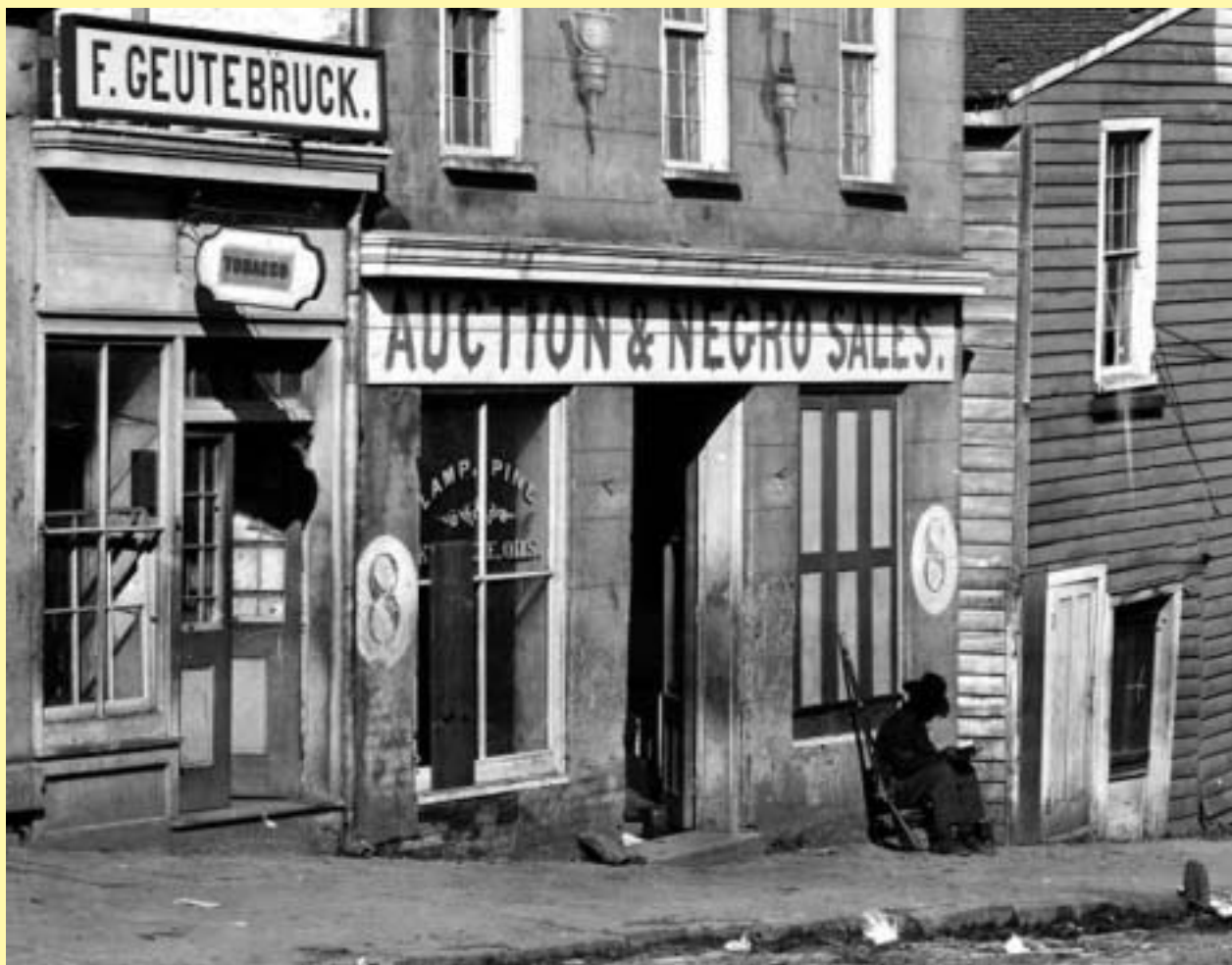
Como homem de letras e artista, Nascimento se identificou de maneira natural e espontânea com o pan-africanismo político-cultural da Négritude. Essa vertente baseava-se na noção de uma identidade africana específica de cunho racial e cultural globalista e na proposta de uma independência nacional sustentada num amplo e permanente processo de desalienação psíquico-cultural (Aimé Césaire, Léon Damas, Léopold Sédar Senghor, Cheikh Anta Diop, Frantz Fanon, Alioune Diop). Ele discordava das tendências assimilacionistas da corrente “senhoriana”, que combateu sem hesitações como perigosa aberração.

Mais complexas foram as relações de Nascimento com o chamado pan-africanismo de Manchester, aquele que surgiu ao começo do século XX com a realização, em Londres, da Primeira Conferência Pan-Africana, organizada por Sylvester Williams, advogado de Trinidad, e W. E. B. Du Bois, cientista político, sociólogo e historiador negro norte-americano. O pan-africanismo de Manchester (Sylvester Williams, W. E. B. Du Bois, George Padmore, Caseley Hayford, Nnamdi Azikwe, Jomo Kenyatta, C. L. R. James, Eric Williams, Ras Makonnen) se definiu desde o início como “continentalista”, o que era lógico em razão da payorosa exploração e dominação colonial em que a África se encontrava submersa. Entretanto, com a independência dos países africanos e a sua consolidação, a “subordinação estratégica” das lutas das diásporas africanas das Américas, do Caribe e do Pacífico à luta pela independência começou a perder seu caráter de exigência estratégica. Abdias do Nascimento impugnou de imediato a noção de que as diásporas teriam de desempenhar um papel secundário, logístico, como ocorria com os judeus do mundo em relação a Israel. Ele colocou as diásporas das Américas, do Caribe e do Pacífico no mesmo nível de urgência estratégica dos povos do continente.

Um dilema para Nascimento, na sua ação internacional, foi a questão dos métodos a utilizar na luta pela liberdade dos povos negros. Luta

armada “por todos os meios necessários” (Kwame Nkrumah, Malcolm X, Amílcar Cabral, Frantz Fanon)? Ou via pacífica, mediante sucessivas etapas de negociação (Martin Luther King, Léopold Sédar Senghor, Desmond Tutu, Albert Luthuli)? Homem pacífico por natureza, Nascimento sempre teve uma predileção pela negociação. Apaixonado na denúncia da opressão, sempre foi moderado no confronto fraternal das idéias; a luta violenta nunca foi o caminho predileto de seu coração. Na hora em que o “guerrilheirismo” gozava de grande audiência, ele enxergou no emprego do terrorismo como arma de combate o perigo da escalada do terror. Mas, diante da crueldade racista das potências colonizadoras, como nas colônias portuguesas, e sob os implacáveis regimes de apartheid na África do Sul, na Namíbia e no Zimbábue, apoiou a luta armada nesses países. Paralelamente, e bem antes de se produzirem os horrores que o mundo hoje testemunha, Nascimento denunciava o crescente perigo de guerra civil que detectava na prática de muitos dirigentes da África independente de impor aos povos sob seu controle as estruturas e sistemas de repressão física legados pela dominação colonial.

Sobre a política em geral, deve-se dizer que era necessário ter muita coragem e convicção moral para se opor, como Nascimento o fez sem trégua, a uma ideologia política muito popular no mundo africano naquele momento, cuja perda de prestígio no espaço de menos de uma década, após a queda do bloco soviético, ninguém poderia então prever. Mais



Estabelecimento de venda de escravos em Atlanta, Georgia.

especificamente, sobre a questão sócio-racial, Nascimento esclareceu muito do que até então ficava duvidoso para a maioria dos pan-africanistas em relação à natureza orgânica e estrutural do racismo latino-americano. Foram os seus escritos e denúncias que mais contribuíram para avançar a premissa teórica de que na América Latina se formou um sistema de dominação étnico-racial e sócio-econômico específico, baseado precisamente na “mestiçagem programada” entre raças e etnias situadas em posições fixas de inferioridade e de superioridade.

A reintrodução do mundo simbólico na política pan-africanista - No plano internacional, Abdias do Nascimento desempenhou um importante papel de conciliação entre as três grandes vertentes do pan-africanismo. Hoje, não tenho dúvida de que isso só foi possível porque ele mesmo portava em si próprio, de maneira harmônica, essas três vertentes políticas. Homem do século XX, na virada do século XXI ele já era o esboço de um pan-africanismo futuro; um amplo movimento político baseado no respeito às diferenças entre povos, culturas, civilizações e gêneros. Um movimento cultural em que o gênero feminino, enfim resgatado de séculos de opróbrio, encontra-se de novo em posição pioneira da civilização e da humanização das sociedades, papel que sempre desempenhou na história do mundo africano. Um pan-africanismo em que a busca pela equidade sócio-econômica entre raças, etnias e gêneros está indissociavelmente ligada

ao desenvolvimento identitário de cada um desses agregados orgânicos da sociedade civil contemporânea.

Eu não acredito ter “forçado” o pensamento de Abdias do Nascimento nesta descrição de seu pan-africanismo, nem penso ter imposto meus próprios sonhos aos dele. Sem dúvida, uma idéia fiel e abrangente das contribuições “nascimentistas” às três vertentes pan-africanistas que surgiram no século XX será objeto de estudos posteriores. Mas acredito que, em sua ação internacional, ele reintroduz no pan-africanismo militante do século passado uma noção fundamental que estava se perdendo no próprio fogo daquelas lutas: a idéia de que um futuro político libertário deve ser, também, construído artisticamente, na harmonia pessoal, na alegria, na amizade e no carinho. Ou seja, paixão na denúncia das opressões, mas respeito às múltiplas diferenças. O pan-africanismo “nascimentista” compromete a ira contra todos os tipos de injustiça, ainda que cometidos por nós mesmos, com a música, a dança, a pintura, a poesia e o riso. Acredito que, além das múltiplas contribuições políticas que ele fez ao mundo em que viveu, e que sem dúvida outros analistas conseguirão analisar e expor com o devido rigor, Abdias do Nascimento introduz uma grande dose de amor no pan-africanismo do século vinte.

Carlos Moore Wedderburn. Texto resumido do prefácio do livro *O Brasil na Mira do Pan-Africanismo* (Salvador: CEAQ/ EDUFBA, 2002), págs. 17-32.



Imagem de 1890 mostrando o contraste entre norte-americanos ricos e a pobreza de ex-escravos negros.

Trechos do Pronunciamento de Abdias Nascimento ao receber o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Federal da Bahia

Recebo um título de doutor da mesma academia que há décadas venho questionando e contestando por sua postura de marginalizar, humilhar, desprezar e discriminar o povo afrodescendente. Pois reitero: continuo questionando e contestando a academia brasileira.

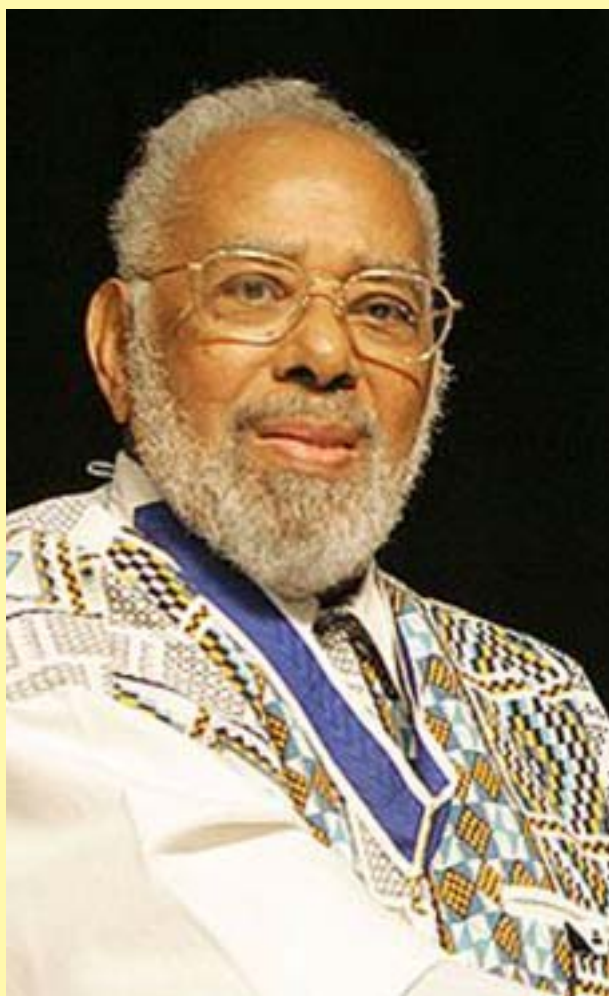
Sei que a postura dessa academia não mudou de forma significativa, pois o negro continua marginalizado e discriminado na estrutura da educação deste país desde o ensino básico e sobretudo no superior. Minha presença aqui representa o desejo da coletividade afro-brasileira de que esta universidade, a mais antiga do Brasil, dê o exemplo de forjar um caminho de verdadeira inclusão do povo de ascendência africana na nossa academia.

Não estou falando apenas da admissão de alunos negros, embora este seja um aspecto necessário em todo o país. Falo sobretudo do que eles e os outros alunos vão aprender. O conhecimento formal e científico sempre discorreu sobre nós, retratando os povos africanos e seus descendentes como escravos natos, objetos de pesquisa científica, ratos de laboratório.

Aqui mesmo na Faculdade de Medicina desta universidade, sob a égide de Nina Rodrigues, papa das teses lombrosianas no Brasil, mediu-se nossos crânios para calcular o índice cefálico; dimensionou-se a largura da nossa narina como prova cabal de nosso suposto estado patológico congênito; negou-se a nossa arte enquanto produção criativa taxando-a da representação deformada de uma mentalidade primitiva e doentia.

A psiquiatria de Nina Rodrigues, desenvolvida nesta instituição, julgava nossa religião uma manifestação de patologia mental. A Faculdade criou e ostentou, durante muitos anos, uma das mais monstruosas peças da didática racista conhecidas no Brasil: a exposição de objetos sagrados do nosso culto junto a armas usadas em homicídios e outros instrumentos de crimes, ao lado das cabeças de cangaceiros degolados e de fetos defeituosos, os chamados “monstros da degenerescência” das teorias eugenistas.

As peças sagradas, muitas confiscadas pela polícia, simbolizavam um dos mais caros projetos de Nina Rodrigues: o controle psiquiátrico da religiosidade afro-brasileira. A exposição, transferida à Secretaria de Segurança Pública, lá ficou intacta até o ano passado como testemunha



muda do implícito endosso das autoridades científicas às lições embutidas na sua configuração.

É preciso virar esse conhecimento eurocentrista de cabeça para baixo, sacudi-lo até remover o lixo e construir no vazio uma nova epistemologia. Incorporar-lhe a experiência e o saber dos povos afrodescendentes em suas várias dimensões, vistos da sua ótica e expressos na sua própria voz, possibilitando a reconstrução da civilização e da soberania dos nossos antepassados no Continente e o redimensionamento das culturas e histórias de luta forjadas por nós, seus descendentes, na diáspora.

Para isso, não adianta fingir “esquecer” o legado racista ou fazer de conta que ele perdeu sua influência. É preciso examiná-lo, identificá-lo nas suas novas sutilezas, e sobretudo desvelá-lo no silêncio que reforça a exclusão discriminatória. Silêncio que reforça a exclusão discriminatória. Silêncio consignado na mudez daquelas peças sagradas exibidas hoje sem qualquer identificação ou indicação

de origem na Sala Estácio de Lima do Museu da Cidade. Silêncio ensurdecedor quando se trata do racismo na sala de aula e no currículo das nossas escolas.

A mesma ciência que criou esse legado racista empenhou-se na tarefa de apagar, esquecer e ocultar a História e a produção intelectual dos povos africanos. O pensamento africano não faz parte da cultura universitária de nosso País, porque no seu conceito a África não figura como lugar de produção do conhecimento. Trata-se, talvez, do maior embuste perpetrado pelo eurocentrismo.

Observadores e estudiosos criteriosos como Basil Davidson, Martin Bernal, Jean Ziegler, Janheinz Jahn, Walter Rodney, Chancellor Williams, Robert Farris Thompson e outros vêm demonstrando o longo processo de desenvolvimento intelectual, tecnológico, político, econômico, artístico, espiritual e cultural da África, consignado também no trabalho do grande cientista senegalês Cheikh Anta Diop e de pesquisadores como Théophile Obenga, Ivan Van Sertima, Wayne Chandler, Runoko Rashidi e tantos outros.

Os maiores sábios da antiga Grécia tiveram de prestar tributo ao Egito, onde muitos deles estudaram, como é o caso de Pitágoras, Euclides e tantos outros. Heródoto, chamado Pai da História, registrou sem rodeios a identidade dos egípcios, ao descrevê-los como “negros de cabelos lanudos”.

Mas a História eurocentrista apagou, e o ensino brasileiro ignora, quatro milênios de desenvolvimento africano no Egito, como se o conhecimento humano tivesse brotado, pronto e acabado, de um repentino “milagre grego”. Igualmente ignoradas são outras civilizações africanas como Axum e Meroe, os impérios de Gana, Mali, Monomotapa e Songhai, enfim, os numerosos e brilhantes estados e culturas que se desenvolveram de norte a sul do Continente Africano.

Semelhante processo se aplica à História do Brasil e da diáspora africana. Distorcem a imagem dos africanos e afro-descendentes, transformando-nos em seres ignorantes e passivos que teriam aceito de bom grado a escravização a que fomos submetidos.

Apenas nas últimas décadas deste século, a insistência do Movimento Negro vem propiciando a revisão de tal imagem ao mostrar que os africanos se levantaram em revoltas, insurreições, e resistência quilombola em todo o território das Américas e durante toda a sua história.

Esse fato ganhou maior reconhecimento simbólico com a inscrição em 1997, por iniciativa da Senadora Benedita da Silva, do nome de Zumbi dos Palmares no Panteão dos Heróis da Pátria, na Praça dos Três Poderes em Brasília, onde passou a figurar ao lado de Tiradentes.

Um dos eventos mais relevantes da luta pela justiça e a liberdade no Brasil, ocorrido aqui na Bahia, continua relegado à penumbra da História nacional: a Conjuração Baiana de 1798, conhecida também como Revolta dos Alfaiates.

Eminentemente popular, protagonizado por modestos artesãos ao lado de negros e mulatos forros, é conhecida também como Revolta dos Búzios, referência à concha africana que era seu signo. Defendia um programa bem mais avançado e consistente que o da Conspiração Mineira de Tiradentes, conduzida por burgueses, literatos e sacerdotes brancos sem grande compromisso com as verdadeiras necessidades e aspirações populares.

Além de querer instituir “um governo democrático” para o Brasil, os revoltosos dos



Um fato que ganhou um reconhecimento simbólico com a inscrição em 1997, por iniciativa da Senadora Benedita da Silva, do nome de Zumbi dos Palmares no Panteão dos Heróis da Pátria, na Praça dos Três Poderes em Brasília, onde passou a figurar ao lado de Tiradentes.

outros cantos do País o exemplo dessa revolta, bem mais perigosa do que a conspiração dos padres e poetas.

Mas sufocar a Conjuração de 1798 não bastou para abafar o espírito de liberdade na Bahia. Logo começaram as Revoltas dos Malês, que se sucederam, uma após a outra, entre 1807 e 1835, apesar de duramente reprimidas.

Lições de dignidade como essas têm seus correlatos não só em Palmares, mas em cada pedaço de chão que o africano pisou no Brasil e na diáspora africana das Américas. Para ajudar a resgatar essa verdade, apresentei em outubro de 1997 o Projeto de Lei do Senado no. 234, que propõe inscrever no Livro dos Heróis da Pátria, ao lado de Tiradentes e de Zumbi dos Palmares, os nomes de João de Deus Nascimento, Manuel Faustino dos Santos Lira, Luís Gonzaga das Virgens e Lucas Dantas Torres, líderes da Conjuração Baiana de 1798, cujo legado libertário podemos comemorar no dia 13 de agosto próximo.

Esses heróis e essas lutas inserem-se no contexto internacional da tradição de luta pan-africanista, cuja história urge resgatar desde os tempos de Zumbi no Brasil e Rainha N’Zinga em Angola até os seus desdobramentos mais recentes nos processos de derrota do colonialismo na África e de luta contra o racismo na diáspora.

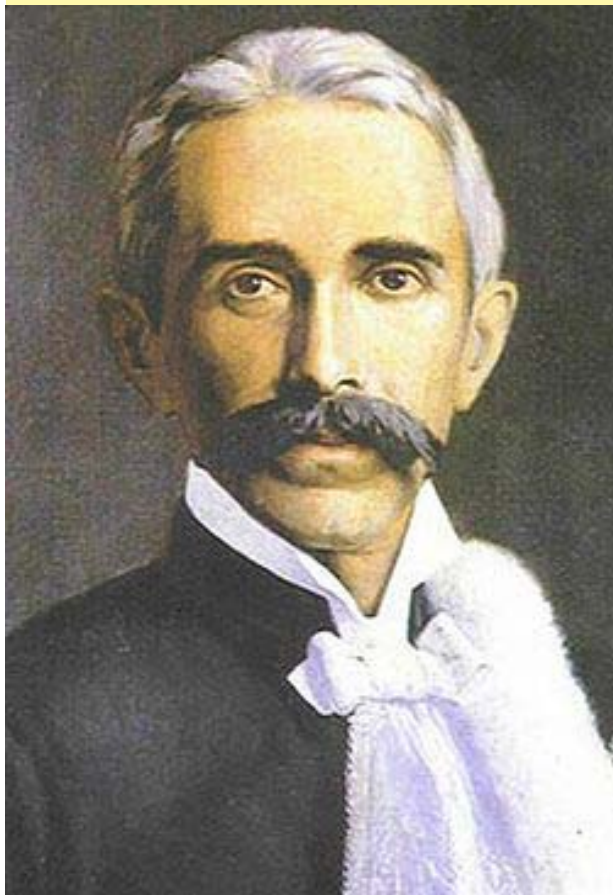
O fenômeno quilombola tem uma dimensão muito especial nessa trajetória. Tanto no Brasil como no Caribe e em todas as Américas, onde existe na forma de cumbes, palenques, cimarrones e maroon

societies, quilombo não é só um reduto de escravos fugidos. Resistência contra a sistemática violação da dignidade da pessoa humana, é também a construção da vida em liberdade.

Organizados política e economicamente, os quilombos e seus pares em outros países produziam economicamente, se organizavam politicamente, se defendiam e enfrentavam enormes desafios, construindo diariamente sua vida em liberdade - ou seja, sua cidadania.

Com base nessa constatação histórica, lancei em 1980 a tese do quilombismo, buscando nas raízes da nossa experiência histórica um modelo para orientar a nossa atuação política. Trata-se de uma proposta não apenas para os povos afrodescendentes na diáspora como para a Nação Brasileira.

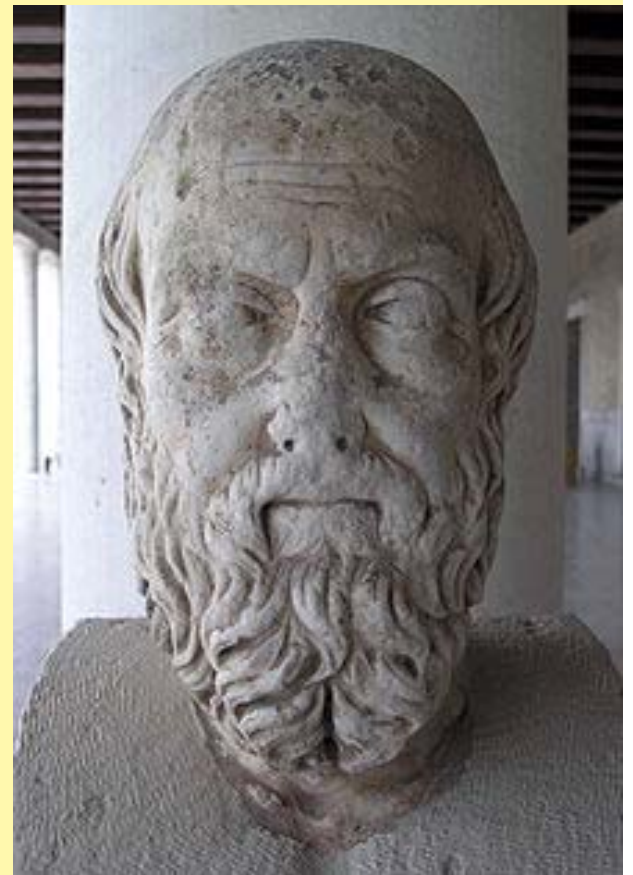
O quilombismo almeja a construção de um Estado voltado para a convivência igualitária de todos os componentes da população, preservando-se e respeitando-se a pluralidade de identidades e matrizes culturais. A construção da verdadeira



Raimundo Nina Rodrigues

Búzios pretendiam abolir o cativeiro e a discriminação racial, instituir a liberdade religiosa e dividir entre a população “tudo que houvesse na capital”.

Sobre eles se abateu uma repressão dura, cruel e racista. Morreu enforcado apenas um “inconfidente” mineiro enquanto sangraram quatro revolucionários baianos, todos negros. Os governantes precisavam evitar que chegasse às massas despossuídas de



Heródoto, chamado Pai da História, registrou sem rodeios a identidade dos egípcios, ao descrevê-los como “negros de cabelos lanudos”.

democracia, nos moldes do quilombismo, passa obrigatoriamente pela efetiva implantação de políticas compensatórias e de ação afirmativa para possibilitar a construção de uma cidadania plena para todos os grupos discriminados.

O quilombismo faz parte de uma tradição de pensamento largamente ignorado no Brasil e que urge conhecer: a do pan-africanismo, que tem o seu

início nos primórdios da luta quilombola e que inaugurou o século vinte com uma articulação teórica e política profundamente vinculada à meta de libertar a África do jugo colonial.

A essência do pan-africanismo consiste no reconhecimento da experiência comum desse jugo colonialista que se estende, travestido de formas diversas de dominação racista, aos descendentes da África em toda a diáspora. Entre os primeiros fundadores da fase articulada do pan-africanismo destacam-se W. E. B. DuBois, um dos maiores intelectuais do século, e Marcus Garvey, um gigante da mobilização coletiva, que encabeçou o movimento pan-africanista de maior penetração popular.

A Négritude, articulada por poetas e intelectuais de expressão francesa como Aimé Césaire, Léon Damas, Alioune Diop e Léopoldo Sedar Senghor, expressava outra dimensão de mobilização antirracista e anticolonialista. Futuros estadistas africanos como Kwame Nkrumah, Julius Nyerere e Jomo Kenyatta, e pensadores como Frantz Fanon, Albert Memmi, George Padmore, C. L.

R. James, Eusi Kwayana, Walter Rodney, são apenas alguns exemplos entre os construtores do legado panafricano.

Hoje, um dos grandes temas da reflexão pan-africanista é o das reparações aos povos afrodescendentes não apenas pelos danos físicos e econômicos sofridos no bojo do processo escravista, como também pelo processo de degradação moral coletivo que representa o racismo e a discriminação.

Os países africanos reclamam danos na forma de perdão da dívida externa e revisão das exigências de ajustes estruturais pelos organismos internacionais financeiros como o FMI e o Banco Mundial. Nos países da diáspora, apoiando-se nas indenizações provenientes da escravidão perpetrada durante o período do holocausto na Europa, reivindica-se reparações pelo processo escravista, na forma de fundos para programas sérios de ações sociais ou na forma de políticas públicas compensatórias ou de ação afirmativa em benefício da coletividade de origem africana. (...)



Zumbi dos Palmares

Vinícius de Moraes: o branco mais negro do Brasil é o pai de Barack Obama

Na noite do dia 25 de setembro de 1956, estreou no Teatro Municipal do Rio de Janeiro a peça *Orfeu da Conceição*, do poeta brasileiro Vinícius de Moraes (1913-1980). Esta peça é uma adaptação do mito grego do lendário cantor Orfeu, cuja lira, dotada de sons melódicos, amansava as feras que vinham deitar-se-lhe aos pés. Filho da musa Calíope, ele resgatou a sua esposa Eurídice do Inferno, após ela ter sido picada por serpente. A história de Vinícius decorre numa favela carioca, durante os três dias de carnaval. (Abdias Nascimento estava no elenco.)

Em 1959, o diretor francês Marcel Camus transpôs a peça para o cinema. Daí surgiu o filme *Orfeu Negro*, com músicas de Luiz Bonfá e Tom Jobim, a negra atriz americana Marpessa Dawn, os negros brasileiros Breno Mello, Lourdes de Oliveira e Adhemar da Silva. Cheio de belas imagens, como a do romper do sol na favela, a do aparecimento da Morte numa central elétrica, e ainda com o som dos sambas empolgantes, a película baseada na obra do letrista de “Garota de Ipanema”, além de alcançar grande sucesso comercial, ganhou a Palma de Ouro do Festival de Cinema de Cannes e o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro em Hollywood.

Pois bem, nesse ano de 1959, uma jovem americana de dezesseis anos, extremamente branca,

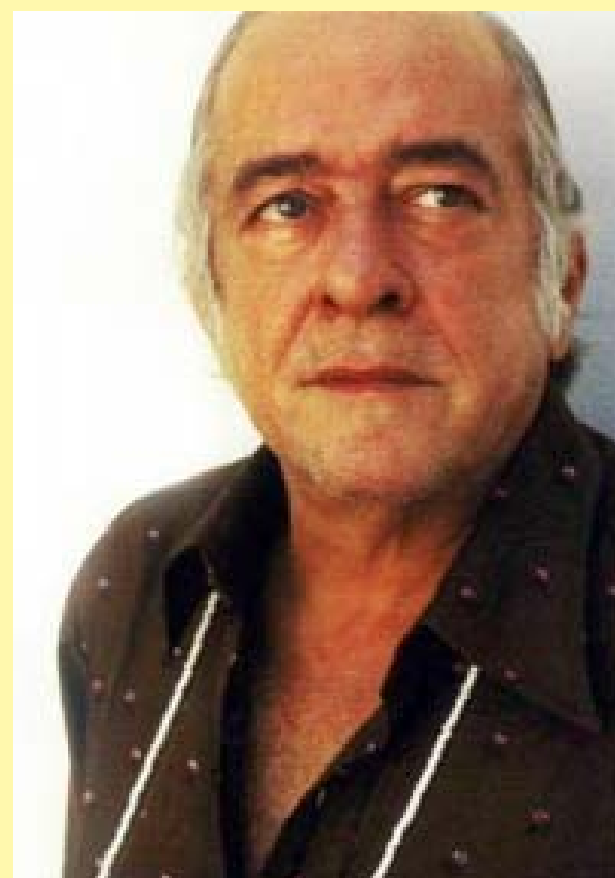
sem um pinga de sangue negro, chamada Stanley Ann Dunham, nascida no Kansas, resolveu assistir em Chicago ao primeiro filme estrangeiro de sua existência. Foi ver o *Orfeu Negro*, só com atores negros, paisagens brasileiras, música brasileira, história brasileira. Ela saiu do cinema em estado de êxtase, maravilhada. Adorou aqueles negros encantadores de um país tropical e logo admitiu:

- Nunca vi coisa mais linda, em toda a minha vida.

Depois de tal arrebatamento, a jovem Stanley embarcou para o Havaí. E ali, aos dezoito anos, ela se tornou colega, numa aula de russo, de um jovem negro de vinte e três anos, Barack Hussein Obama, nascido no Quênia.

A moça branca do Kansas, influenciada pelo filme *Orfeu Negro*, entregou-se a ele e dessa união interracial, nasceu em 4 de agosto de 1961 um menino, a quem ela deu o mesmo nome do pai e que é agora o primeiro presidente negro dos Estados Unidos.

No começo da década de 1980, ao visitar o seu filho em Nova York, a senhora Stanley o convidou para ver o filme *Orfeu Negro* num cinema de arte. Segundo o depoimento do próprio Barack, no meio do filme ele se sentiu entediado, quis ir embora. Disposto a fazer isto, desistiu da ideia no momento





em que olhou o rosto da mãe, iluminado pela tela. A fisionomia da senhora Stanley mostrava deslumbramento. Então o filho pôde entender, como ele confessa em sua autobiografia, porque ela se uniu a seu pai africano.

Mas não é justo deixar as coisas assim tão simples. Conta Obama: “Para minha mãe, o conhecimento de pontos importantes das grandes religiões do mundo era uma parte necessária de uma educação impecável. Em nossa casa, a Bíblia, o Alcorão e o Bhagavat Gita ficavam na prateleira juntamente com livros das mitologia negra, norueguesa e africana”, escreveu o presidente americano no seu livro *A Audácia da Esperança*. “E apesar do seu secularismo, minha mãe era de muitas formas a pessoa mais espiritualizada que conheci”.

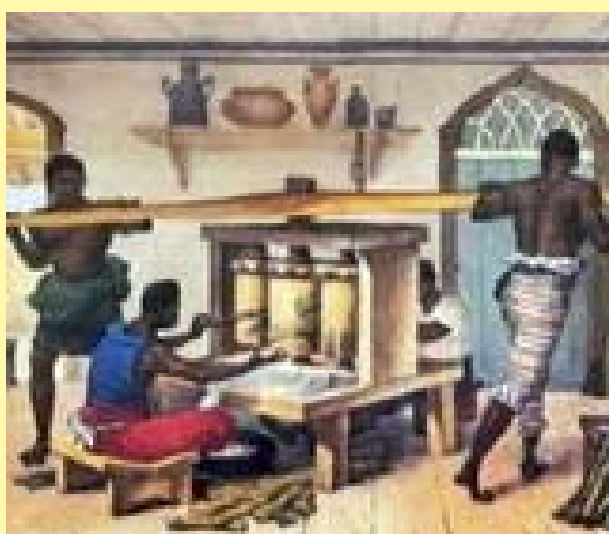
Obama tem parentes indonésios, havaianos, africanos, chineses e até americanos. Sua mãe era uma antropóloga com “um instinto inabalável para a caridade, a bondade e o amor”, e não teria nenhuma dificuldade em ser brasileira.



Prefácio de Vinícius de Moraes a Orfeu da Conceição”

As datas de saída deste livro e da estréia, no Teatro Municipal desta cidade, de “Orfeu da Conceição” são propositadamente coincidentes. É uma espécie de festa que me deu, pois não me foi fácil escrever a peça, e muito menos encená-la. Há 16 anos, uma certa noite em casa do arquiteto Carlos Leão, a cavaleiro do Saco de São Francisco, depois de ler numa velha mitologia o mito grego de Orfeu, dava eu início aos versos do primeiro ato, que terminei com a madrugada raiando sobre quase toda a Guanabara, visível de minha janela. Só em Los Angeles, seis anos depois, consegui encontrar o segundo e terceiro atos, sendo que este último perdi, só indo refazê-lo em 1953 quando, a instâncias de meu amigo poeta João Cabral de Mello Neto, resolvi concorrer ao Concurso de Teatro do IV Centenário de São Paulo.

É difícil prever o destino de uma peça de teatro, sobretudo quando foi, como esta, ensaiada em três meses apenas, por contingências dos meus deveres de diplomata com data certa para regressar ao posto. Três meses realmente heróicos, em que uma equipe de seis (o diretor Leo Jusi, o cenógrafo Oscar Niemeyer, o compositor Antônio Carlos Jobim, a figurinista Lila de Moraes, a coreógrafa Lina de Luca e o pintor Carlos Scliar) criou condições para um elenco de 45 figuras, com 10 atores principais, pisar em cena, depois de um exaustivo trabalho em que há que salientar primeiro a coragem e lealdade dos atores e logo em seguida a capacidade de trabalho e devotamento do diretor Leo Jusi. Mas a verdade é que deram todos, cada qual no seu setor, o máximo. São amigos meus,



me merecem tudo - e eu lhes sou devotadamente grato.

Dentro de uma semana, às 9 da noite, no Teatro Municipal, cessarão todas as nossas agonias. Depois da “ouverture” para grande orquestra, escrita por Antônio Carlos Jobim especialmente para a peça, o pano se abrirá sobre cenário de Oscar Niemeyer: dois amigos muito queridos; duas obras que vivem a partir daqui perfeitamente integradas com a minha peça. Luiz Bonfá estará executando, da orquestra, o violão de Orfeu da Conceição, interpretado por Haroldo Costa: outros dois amigos a quem aprendi a querer muito. Os atores portarão os figurinos feitos por uma estreante em teatro como eu, como Oscar Niemeyer, como Antônio Carlos Jobim: minha mulher Lila Moraes. E as gentis dançarinas dançarão os bailes que lhes foram marcados por uma outra



estreante como coreógrafa de teatro: minha amiga Lina de Luca. E em tudo haverá uma cor, um desenho, um toque de Carlos Scliar: um cuja amizade vem de longe.

Escravo de meus amigos, de quem tudo recebo e a quem tudo dou, agora pergunto eu: que maior alegria?

E uma última palavra: esta peça é uma homenagem ao negro brasileiro, a quem, de resto, a devo; e não apenas pela sua contribuição tão orgânica à cultura deste país - melhor, pelo seu apaixonante estilo de viver que me permitiu, sem esforço, num simples relampejar do pensamento, sentir no divino músico da Trácia a natureza de um dos divinos músicos do morro carioca.

Rio, 19-9-1956 - Vinicius de Moraes

A Visão Bantu da Sacralidade do Mundo Natural

O mundo natural para o povo Bântu é a totalidade de totalidades amarradas acima como um pacote (futu) por Kalunga, a energia superior e mais completa, dentro e em volta de cada coisa no interior do universo (luyalungunu).

Nossa Terra, o “pacote de essências” (futu dia n’kisi) para a vida na Terra, é parte dessa totalidade de totalidades. É vida. É o que é, visível e invisível. É a ligação do todo em um através do processo de vida e viver (dingo-dingo dia môyo ye zinga). É o que nós somos porque somos uma parte disso. É o que mantém cada coisa na Terra e no Universo em seu lugar.

O conceito Bântu-Kôngo da sacralidade do mundo natural é simples e claro. Tem-se que deixá-los definir o nosso planeta com suas próprias palavras: “Aos olhos do povo Africano, especialmente aqueles em contato com os ensinamentos das antigas escolas Africanas, a Terra, nosso planeta, é futu dia n’kisi diakânga Kalûnga mu diâmbu dia môyo - um (pacote) de essências/remédios amarrados por Kalunga com intenção de vida na Terra”.

Esse futu ou funda contém cada coisa que a vida precisa para sua sobrevivência: essências/remédios (n’kisi / bilongo), comida (madia), bebida (ndwinu), etc.

O mundo natural é o que nós vemos, tocamos, sentimos, saboreamos e ouvimos e ainda assim nós não podemos alcançar o significado em sua totalidade. É o mistério de todos os mistérios. É o cerne do que é espiritual e sagrado. É ligar e desligar (Kala ye Zima) de todas as coisas, i.e., Nkingu Kibeni Wangudi Wa Kinenga mu biobio (a chave princípio de equilíbrio em tudo). Todas essas coisas, com ou sem expressão, com ou sem poder de locomoção, de acordo com o conceito Bântu de sacralidade são seres (Kadi).

Os povos Bântu, Kôngo e Luba, entre eles, aceitam o mundo natural como sagrado em sua totalidade porque, através dele, vêem refletida a grandeza de Kalunga. A energia superior de vida, aquele que é inteiramente completo (lunga) por si próprio. Assim, quando um Mûntu (ser humano) vê um minúsculo cristal (ngêngele) ele/ela vê nele, não só sua sacralidade, mas também a presença divina de Kalunga.

Além da atenção e admiração dadas a montanhas, vales, ao vento, ao céu e às mudanças do ciclo natural, o Mûntu dá especial atenção ao mundo da floresta porque, como se diz, “Mfinda Kasuka tufukidi” - nós perecemos se as florestas são extintas. Por causa dessa visão popular entre os Bântu,



o próprio ato de entrar na floresta torna-se um ritual sagrado.

Antes de alguém entrar na floresta deve preparar-se ritualmente, porque adentrar na floresta é entrar numa das mais ricas e bem documentadas bibliotecas vivas na Terra. Em seu leito e abaixo vivem centenas e centenas de criaturas, grandes e pequenas, visíveis e invisíveis, fracas e poderosas, amigáveis e hostis, conhecidas e desconhecidas. Em seu interior correm, serpenteando, rios dentro dos quais nadam multidões de peixes. E acima de suas folhagens pode-se ouvir sons e melodias de todos os tipos. Todas essas “coisas”, dentro da floresta, constituem assuntos de aprendizagens para Mûntu, das quais ele coleta dados que pode “engavetar” em sua memória para uso futuro. Esse é o processo de construir conhecimento - nzailu.

Por causa dos aspectos de hostilidade presentes na floresta, o Mûntu deve proteger-se antes de entrar na floresta. Para isso, algumas vezes tem que imunizar seu corpo -kândika nitu antes de deixar a aldeia, especialmente durante a estação de caça.

O processo nkandukulu a nitu - imunização do corpo consiste em esfregar preparação medicinal no corpo, introduzir algo no corpo através de pequenas incisões na pele ou através da boca. Até mesmo os cães de caça passam por esse processo e são imunizados antes deles serem conduzidos para dentro do mato.

Adentrar uma floresta familiar é percebido como andar nos passos dos ancestrais. É descobrir o que eles conheceram transmitiram para nós, mas também encontrar saída onde eles deixaram fechado de modo que possamos caminhar em direção a mais descobertas para as necessidades de nossas gerações e aquelas das gerações futuras. Porém lá é mais que isso.

Andar na mata durante a iniciação é revisitar Makulu, onde cada coisa é possível de ser encontrada - Digamos aqui antes do trecho, que estudiosos Kôngo modernos estão usando este termo, makulu, nas suas conversações para significar biblioteca. Bem, não são as bibliotecas do mundo, coleções, em grandes parte, dos trabalhos dos mortos (bakulu), os ancestrais? Não é humanidade constituída por mais mortos do que vivos?

A revisita de makula tem um grande impacto na mente de ngudi-a-ngânga (mestre iniciadores) e seus seguidores (lândi) intelectualmente bem como espiritualmente. O processo em si mesmo é chamado “Mokina ye bafwa”- conversar com o morto.

Isso é, sumariamente: reunião com os ancestrais, i.e., com a presença de sua energia (ngolo minienie miâu). Viver a experiência do tempo, como hoje é vivida bem como foi vivida no passado e como deve ser vivida no futuro. Andar no passado seguindo Kini Kia bakulu (a sombra dos ancestrais). Rever o laço da comunidade biogenética - n’sing’a dikânda: como fortificá-lo e como expandir seus ensinamentos. É estar em contato espiritualmente bem como intelectualmente com a sabedoria tradicional Africana (kingânga) do passado. É entender as condições de vida e viver daquele tempo e de agora. Finalmente, é conversar com “bakulu”, ancestrais, numa experiência pessoal, i. é., sentindo sua presença entre nós hoje e amanhã.

Por causa da sacralidade do mundo natural como um real mundo vivo, tão ilustrado pela verdura de plantas e florestas, mawubi/maghubi, a maioria das reuniões que dão poderes espiritualmente é mantida em florestas. Por causa de sua importância para a vida e o viver, o mundo natural, e a floresta em particular, são percebidos como um templo aberto para todos. As pessoas são conduzidas para dentro desse templo mais espiritualmente sagrado, essa biblioteca viva, para tornar-se de verdade homem/mulher através do processo de iniciação, i. é., Mu bulwa mèsò - manter-se de olhos abertos. (..)

O mundo natural é o mais seguro e rico laboratório da raça humana. É um laboratório sem paredes, que os Bântu continuam a descobrir desde a sua mais tenra idade. O processo fundamental de aprendizagem para os jovens Bântu tem lugar dentro desses laboratórios sem paredes. As pessoas andam dentro deles silenciosamente, por causa da sua sacralidade, e elas ficam de pé ali assim como diante de monumentos.

Autor: Fu-Kiau K.K. Bunseki. Tradução portuguesa por Valdina O. Pinto

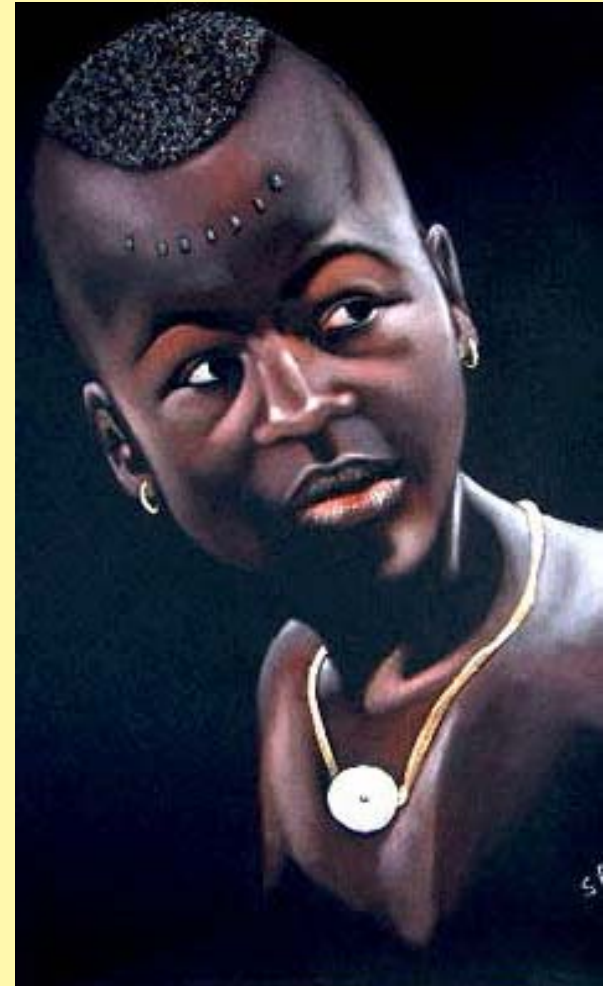
Fonte: <http://www.ritosdeangola.com.br/page.php?152.0>

A Arte Africana e o Cubismo de Picasso

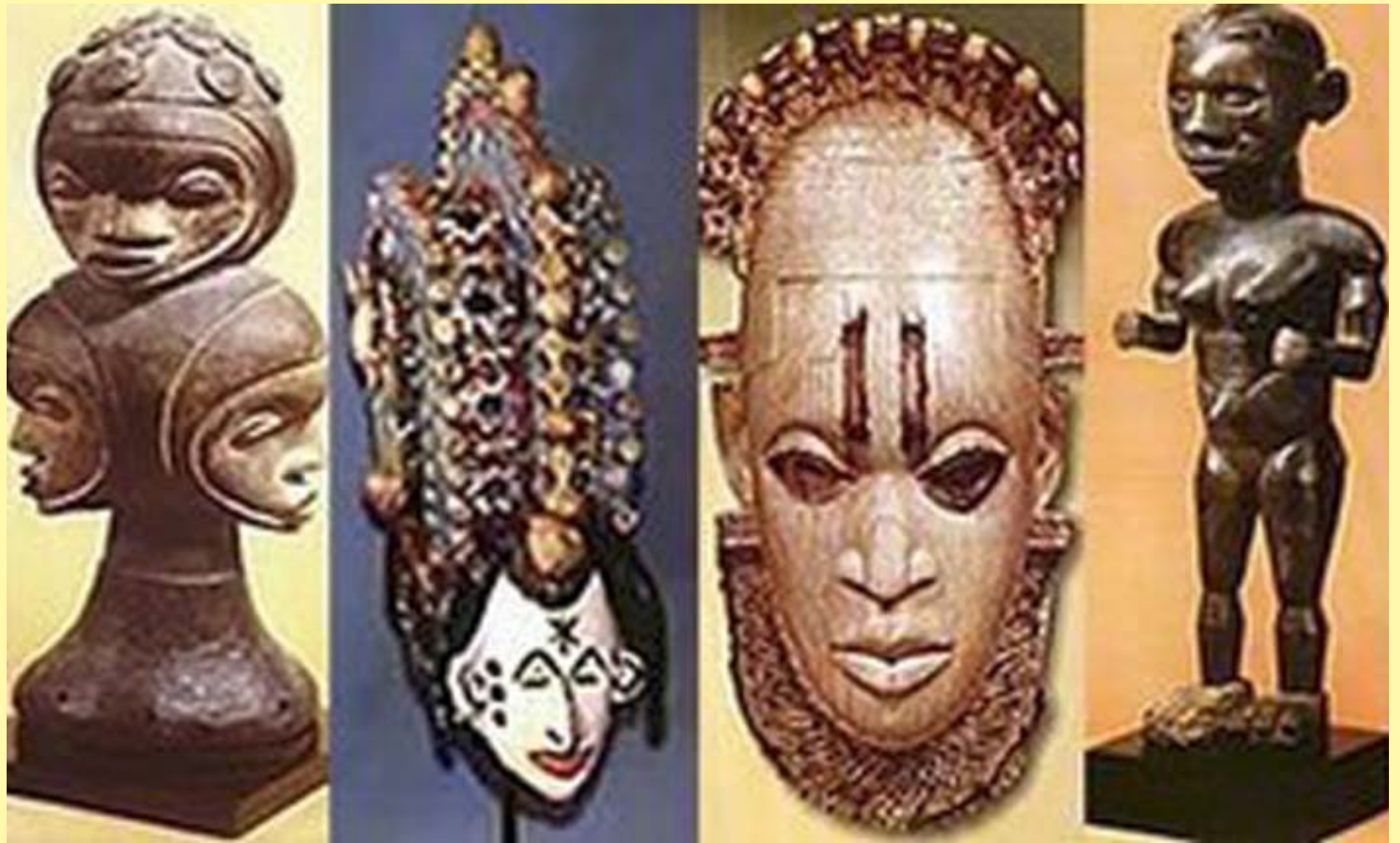
África não era uma página em branco antes da invasão colonial; Havia produzido conhecimentos e técnicas,



além de obras de grande valor nos campos da arquitetura, escultura, música, dança, poesia e literatura oral.”
O Correio da Unesco Julho de 1997



Observem como a imagem criada por Pablo Picasso, nesse auto-retrato, e no quadro *Les demoiselles d'Avignon* ao lado, o artista revela toda a influência da arte africana sobre o seu trabalho. Observe também nas cores a predominância dos tons terrosos tais como encontrados nas máscaras expostas acima. À presença do traço geométrico e dos espaços delimitados por linhas pretas (aspecto que lembra muito a pintura japonesa) pode ser somada uma crescente utilização das cores vivas que o norte da África sugere. Picasso, Le Corbusier ou os impressionistas, toda a arte pictórica europeia sentiu, em maior ou menor grau, o impacto da luz e da vida cultural africana. Que seria da arte ocidental sem a África?



A criatividade e o imaginário das culturas africanas possuem um forte impacto visual e decorativo, influenciando profundamente algumas correntes da arte contemporânea, tanto no Brasil quanto no Exterior. Por exemplo o Cubismo, que teve Picasso como seu grande expoente, e outros artistas, como Braque, Cézanne e Matisse, beberam dessa fonte, experimentando em seus trabalhos inovações estilísticas que inauguraram outras formas de abordagem e novos caminhos para a arte do ocidente.

Compreender essa influência é reconhecer a contribuição da arte africana para a criação e o desenvolvimento de novas formas artísticas. A arte africana, resultado de uma grande influência de etnias e culturas presentes naquele continente, caracteriza-se por ser totalmente funcional, ou seja, voltada para a utilização do objeto. Por isso, na África o conceito de arte pela arte é praticamente inexistente. Todo objeto tem uso prático. Complexa e variada, a arte africana também é bastante ritualística.

“Muitas das máscaras representam antepassados do clã e, por isso, são objetos de orgulho da família. Numa cerimônia aos ancestrais, um dançarino, usuário da máscara, entra em transe profundo. Durante esse estado sua mente se comunica com os antepassados, trazendo deles mensagens de sabedoria. Tais cerimônias podem durar horas ou dias e são sempre acompanhadas de muita dança e músicas tradicionais africanas”.

Fonte: http://africasaberesepaticas.blogspot.com/2009/10/arte-africana_25.html



Kabbalah e os Orixás da Cultura Afrobrasileira

A respeito dos Orixás na cultura afro-brasileira e sua correlação direta com a Kabbalah e com a estrutura da Árvore da Vida. Muita gente esquece que o Egito fica na África e que os cultos antigos africanos tiveram origem nas mesmas fontes que o culto judaico (e posteriormente Cristão e Católico).

Desta maneira, a estrutura dos Orixás é baseada nos mesmos arquétipos universais que regem todos os princípios psicológicos humanos, representados diretamente na Árvore Sephirática.

Obaluaiyê quer dizer “rei e dono da terra”; sua veste é palha e esconde o segredo da vida e da morte. Está relacionado a terra quente e seca, como o calor do fogo e do sol – calor que lembra a febre das doenças infecto-contagiosas. O lugar de origem de Obaluaye é incerto, há grandes possibilidades que tenha sido em território Tapá (ou Nupê) e se esta é ou não sua origem seria pelo menos um ponto de divisão dessa crença. Conta-se em Ibadã que Obaluaye teria sido antigamente o Rei dos Tapás. Uma lenda de Ifá confirma esta última suposição. Obaluaye era originário em Empê (Tapá) e havia levado seus guerreiros em expedição aos quatro cantos da terra. Uma ferida feita por suas flechas tornava as pessoas cegas, surdas ou mancadas.

Obaluaye representa a terra e o sol, aliás, ele é o próprio sol, por isso usa uma coroa de palha (AZÊ) que tampa seu rosto, porque sem ela as pessoas não poderiam olhar para ele. Ninguém pode olhar o sol diretamente. Esta forte mente relacionado os troncos e os ramos das árvores e transporta o axé preto, vermelho e branco. Sua matéria de origem é a terra e, como tal, ele é o resultado de um processo anterior. Relaciona-se também com os espíritos contidos na terra. O colar que o simboliza é o ladgiba, cujas contas são feitas da semente existente dentro da fruta do Igi-Opê ou Ogi-Opê, palmeiras pretas. Usa também bradga, um colar grande de cauris. É interessante notar que a lenda de Omulu/Obaluaye mescla toda a transição alquímica, da TERRA até o SOL (ou transformação de Chumbo em Ouro), tal qual diversas outras mitologias e seus heróis na jornada de Malkuth até Tiferet.

Na mitologia católica, Omulu é sincretizado com São Lázaro.

Yemoja na África Iemanjá, cujo nome deriva de Yèyè omo ejá (“Mãe cujos filhos são peixes”), é o orixá dos Egbá, uma nação iorubá estabelecida outrora na região entre Ifé e Ibadan, onde existe ainda o rio Yemoja. As guerras entre nações iorubás levaram os Egbá a emigrar na direção oeste, para Abeokutá, no início do século XIX. Evidentemente, não lhes foi possível levar o rio, mas, em contrapartida, transportaram consigo os objetos sagrados e os suportes do axé da divindade.

Yemanjá seria a filha de Olorum, Deus único, e é considerada o orixá do mar. Do casamento de Oxalá e Iemanjá (O Casamento alquímico entre o Sol e a Lua) nasceram todos os demais orixás.



Deusa das águas, mares e oceanos, é a manifestação da procriação, da restauração, das emoções e símbolo da fecundidade. Está associada ao poder genitor, a interioridade, aos filhos contidos em si mesma. Seu adedé (leque) simboliza a cabeça mestra. Ela é muito bonita, vaidosa e dança com o obebé (espelhinho) e pulseiras. Na Nigéria ela é patrona da sociedade Geledes, sociedade feminina ligada ao culto das Yamis, as feiteceiras. No Rio de Janeiro, Santos e Porto Alegre, o culto a Iemanjá é muito intenso durante a última noite do ano, quando centenas de milhares de adeptos vão, cerca de meia noite, acender velas ao longo das praias e jogar flores e presente no mar.

Iemanjá está diretamente relacionada a Yesod e corresponde a todas as deusas lunares e guardiãs dos mistérios, como Ísis, Hecate, Selene e Diana. Na mitologia católica, está relacionada a Nossa Senhora dos Navegantes.

Mensageiro dos Orixás, ele é o primogênito do universo no mito da gênese dos elementos cósmicos. É o resultado da integração água e terra, masculino e feminino, sendo o terceiro elemento. Cultuado entre os Orixás, apenas por seu intermédio é possível adorar as Yabás-Mi (as feiteceiras). Traçar e abrir caminhos é uma das suas principais atividades, pois ele circula livremente entre todos os elementos do sistema. É o

princípio da comunicação. Esta fortemente representado no Opon-Ifá (tábua adivinhatória de Ifá – Deus da Adivinhação) pelos triângulos e losângulos. O sistema oracular funciona graças a ele. Está profundamente associado ao segredo da transformação de materiais em indivíduos diferenciados. Exú é o alter ego de todos os indivíduos. É o princípio dinâmico da expansão (evolução), agente de ligação, princípio do nascimento de seres humanos, princípio da reparação (causa/efeito). Exerce o papel de propulsor do desenvolvimento, de mobilizador, de fazer crescer, de ligar, de unir o que está separado, de transformar, de comunicar e de carregar. Todos os Orixás necessitam de suas forças, pois ele está ligado à evolução e ao destino de cada um.

Exú é o primeiro que se serve e se cultua, é o Senhor, o decano de todos os elementos.

Exú representa a esfera de Hod está relacionado diretamente com Toth, Hermes, Mercúrio, Loki, Anansi, Ogma, Prometeus e todos os deuses e heróis professores e responsáveis por carregar os ensinamentos do Divino para os Homens. Hod faz a ponte da linguagem, entre os sentimentos e o pensamento abstrato, sem o qual não haveria o método científico nem o armazenamento do aprendizado.

Apesar de ser um dos mais importantes Orixás, a Igreja Católica, através dos picaretas Jesuítas, sincretizou o Exú na figura do Diabo, associando ao demônio elementos como o tridente, a cor vermelho e preta e o falo. Os ignorantes das Igrejas Neopentecostais propagam esta besteirada em suas perseguições às outras religiões e cultos, gerando muito do preconceito em relação aos Umbandistas e praticantes das religiões afro-brasileiras.

Dona das águas. Na África, mora no rio oxum. Senhora da fertilidade, da gestação e do parto, cuida dos recém-nascidos, lavando-os com suas águas e folhas refrescantes. Jovem e bela mãe, mantém suas características de adolescente. Cheia de paixão, busca ardorosamente o prazer. Coquete e vaidosa, é a mais bela das divindades e a própria malícia da mulher-menina. É sensual, exibicionista, consciente de sua rara beleza. Se utiliza desses atributos com jeito e carinho para seduzir as pessoas e conseguir seus objetivos.

Osun é chamada de Yalodê, título conferido à pessoa que ocupa o lugar mais importante entre todas as mulheres da cidade, além disso, ela é a rainha de todos os rios e exerce seu poder sobre as águas doces, sem a qual a vida na terra seria impossível. Dança de preferência sob o ritmo de sua terra: Igexá. Sua dança lembra o comportamento de uma mulher vaidosa e sedutora.

Oxum está relacionada diretamente com Netzach e corresponde às deusas da beleza de todos os panteões, como Vênus, Afrodite, Ishtar, Astarte, Frigga e Lakshmi. Na mitologia católica, Oxum equivale a Nossa Senhora da Conceição.

MARCELO DEL DEBBIO por Helder Lima

Os Orixás

Os Orixás são cultuados como divindades de um plano astral superior, ARUANDA, que na Terra representam às forças da natureza (muitas vezes confundindo-se a força da natureza com o próprio Orixá).

O Orixá é considerado um antepassado espiritual. Cada um de nós tem um Orixá, um pai que rege nossa cabeça e nossa vida e alcançaram a divindade através de atos extraordinários que praticaram, passando a manifestarem-se como forças da natureza.



YEMANJÁ - É considerada a mãe dos orixás. No Brasil, a orixá goza de grande popularidade entre os seguidores de religiões afro-brasileiras, e até por membros de religiões distintas. Em Salvador, ocorre anualmente, no dia 2 de Fevereiro, uma das maiores festas do país em homenagem à “Rainha do Mar”. Outra festa importante dedicada a Iemanjá ocorre durante a passagem de ano no Rio de Janeiro. Milhares de pessoas comparecem e depositam no mar oferendas para a divindade. A celebração também inclui o tradicional “Banho de pipoca” e as sete ondas que os fiéis, ou até mesmo seguidores de outras religiões, pulam como forma de pedir sorte à Orixá. Na Umbanda, é considerada a divindade do mar, além de ser a deusa padroeira dos naufragos, mãe de todas as cabeças humanas. Iemanjá veste branco e azul ou verde claro e as contas de seus filhos são de vidro verde claro transparente, ou azul claro. Seu dia é sábado. Sua saudação é Odô Iá!

NANÃ - Dona da lama do fundo dos rios, a lama que moldou todos os homens. Mãe de Oxumarê e Omulú. É o Orixá feminino mais velho do panteão, pelo que é altamente respeitada. Veste-se de branco e azul. Suas contas são de louça branca com riscos azuis. Traz na mão o Ibiri, seu cetro. Protege os enfermos desenganados e é patrona dos professores. Seu dia é a segunda-feira, e sua saudação é Saluba! Nanã proprietária de um cajado. A avó dos ORIXÁS



também chamada de Nanã Buruku. É um VODUM da lama, dos pântanos. Tem também relações com a morte. Em certos mitos é considerada a esposa de OXALÁ e ainda mãe de OMULÚ e OXUMARÉ, orixás procedentes da mesma região que ela (DAOMÉ).

OMOLU/OBALUAÊ - De origem Jeje, é o deus da varíola, da peste, das doenças da pele e hoje em dia da Aids. Omolu e Obaluaê, são as manifestações velho e jovem de um mesmo Orixá, chamado Xapanã. Suas cores são o vermelho, o amarelo e o preto, que veste sob capuz de palha-da-costa enfeitado com búzios. Seus colares são também de búzios e contas de louça branca intercaladas com pretas ou, então, brancas intercaladas com pretas e vermelhas. Dança portando um instrumento denominado Xaxará, espécie de cetro. Homenageado às segundas feiras. Sua saudação é Atotô!

OGUM - É o deus do ferro, da guerra e da tecnologia. Patrono dos ferreiros, engenheiros e militares. Seu dia é terça-feira, veste azul escuro ou verde e vermelho. Seus filhos usam contas de louça azul escuro ou verde com riscos azuis. Dança com espada e enrola-se em mariô (folha nova do dendezeiro desfiada), é saudado com o grito Ogunhê!

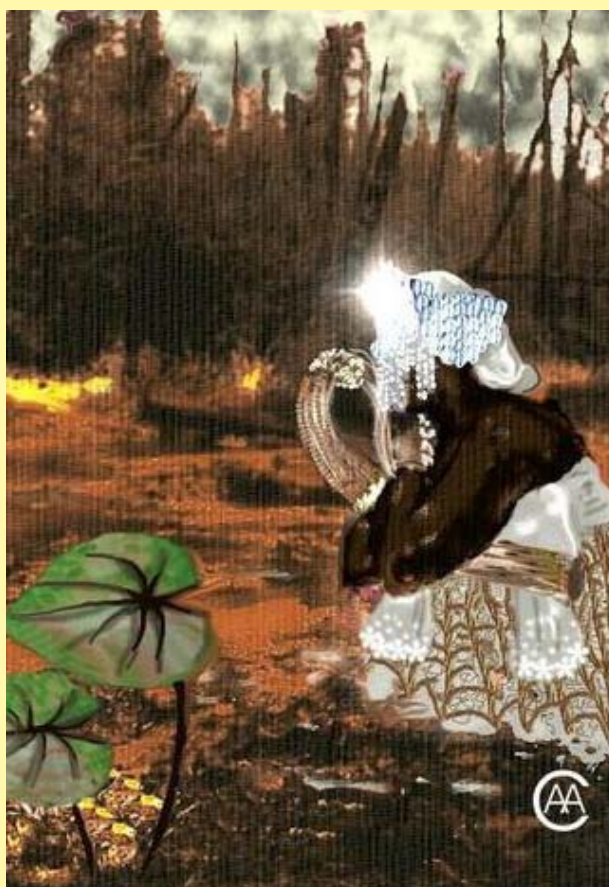
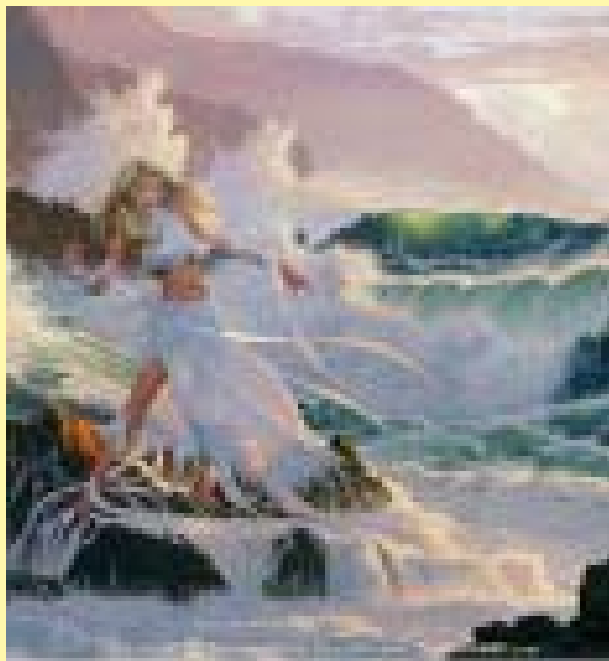


OXALÁ - É o orixá da criação e faz parte dos orixás denominados funfun, isto é, brancos, ou que se vestem de branco. Oxalá é o deus criador do homem e da cultura material. No Brasil tem o status de pai dos orixás e senhor supremo. Seu dia é sexta-feira, quando se costuma usar roupa branca para homenageá-lo. Suas contas são igualmente brancas, de louça, mas os filhos da qualidade Oxaguiã usam umas poucas contas azuis a cada seqüência de contas brancas. É saudado com o brado: Êpa Babá!

OXÓSSI - É um dos muitos deuses caçadores (Odés) na África. Rei da cidade de Keto. É protetor dos caçadores, dos chefes de família, e dos animais que vivem nas florestas. Seus filhos usam contas de louça azul turquesa, ou verde leitoso. Veste-se com estas cores e o vermelho. Dança segurando o Ofá, um adereço em forma de arco e flecha. É louvado às quintas-feiras. Okê Arô Oxóssi!

OXUM - É deusa das águas doces. É também a deusa do ouro, da fecundidade, do jogo de búzios e do amor. Veste amarelo, dourado, rosa e azul claro. Seu fio de contas é feito de contas de vidro amarelo claro ou escuro ou de louça amarelo claro, dependendo da qualidade. Dança com um espelho-leque na mão, o Abebê, e pode usar espada, quando é de qualidade guerreira. É a segunda (e a mais amada) esposa de Xangô. Seu dia é sábado. Saudamo-la assim: Ora Ieiê Ô!





OIA/ANSÃ - Senhora dos ventos e das tempestades, dona do raio, esposa principal de Xangô, dona das almas dos mortos (eguns). Seu dia é quarta-feira, usa roupa marrom escuro e vermelha e às vezes branca. O colar de seus filhos é de contas marrom escuro. Seu brado: Eparrei!

XANGÔ - Orixá do trovão e da justiça, protetor dos juizes, advogados, burocratas. Usa roupa branca e vermelha, e coroa na cabeça, pois é rei. Seu fio de contas se faz com essas cores. Dança com um machado duplo na mão (Oxé) e é dono de um instrumento musical usado só para ele: o Xerê, chocalho de latão. A Quarta-feira é seu dia e sua saudação é Kawó-Kabyesilé!

EXU - Exu Orixá não incorpora em ninguém para dar consultas como fazem os Exus de Umbanda, eles são assentados na entrada das casas de candomblé como guardiões, e em toda casa de candomblé tem um quarto para Exu, sempre separado dos outros Orixás, onde ficam todos os assentamentos dos exus da casa e dos filhos de santo que tenham exu assentado. Recebe diversos nomes, de acordo com a função que exerce ou com suas qualidades: Elegbá ou Elegbará, Bará ou Ibará, Alaketu, Agbô, Odara, Akessan, Lalu, Ijelu (aquele que

rege o nascimento e o crescimento de tudo o que existe), Ibarabo, Yangi, Baraketu (guardião das porteiras), Lonan (guardião dos caminhos), Iná (reverenciado na cerimônia do padê). A segunda-feira é o dia da semana consagrado a Exu. Suas cores são o vermelho e o preto; seu símbolo é o ogô (bastão com cabaças que representa o falo); suas contas e cores são o preto e o vermelho. ; as oferendas são bodes e galos, pretos de preferência, e aguardente. Sua saudação é “Larôye!” que significa o bem falante e comunicador.

Gilson Nascimento da Silva
Fraternidade 100 – M.I.



Candomblé com Sotaque Francês

Nascido Pierre Edouard Leopold Verger, em Paris, em uma família abastada, o etnólogo desprezou o cargo de diretor na empresa gráfica do pai, quando tinha 30 anos, em troca da liberdade de sair fotografando povos e costumes pelos cinco continentes. Considerado um dos maiores fotógrafos do mundo na época, fez vários ensaios para o Museu do Homem, de Paris, deu a volta ao mundo como fotógrafo do extinto jornal “Paris Soir”, virou correspondente de guerra da revista americana “Life”, Segunda Guerra e foi um dos primeiros fotógrafos da conceituada agência francesa Magnum.

Verger correu mundo sem pressa, até “descobrir” a África, onde passou anos estudando a cultura iorubá na Nigéria e na costa de Daomé, hoje República do Benin. Sua intimidade com a cultura daqueles povos, de onde saiu a maioria dos escravos que vieram para a Bahia, fez com que adotasse o nome africano Fatumbi, passando a se chamar Pierre Fatumbi Verger. Logo depois fez uma nova descoberta: a Bahia, de onde não mais saiu.

Verger já faz planos para novos projetos: vai ordenar os quilômetros e quilômetros de fita gravada com importantes registros sobre cultura oral que conseguiu em suas viagens pela África. Antes, em setembro, irá à França participar de um colóquio de antropólogos, onde falará sobre a sua convivência de dois meses no continente africano com o famoso antropólogo Roger Bastide, que o orientou em suas pesquisas. Filho de Oxaguiam- Orixá jovem, que se caracteriza sobretudo pelo apego à liberdade e o espírito de justiça – Verger recebeu o título de Doutor pela Sorbonne e se tornou consultor do Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia, tendo cursado apenas o antigo liceu.

O Globo: De que se trata o livro que o senhor está escrevendo?

Pierre Verger: O livro é sobre o trabalho de plantas e especialmente entre os iorubás e seus descendentes aqui na Bahia. Ainda não escolhi o título. São plantas medicinais e litúrgicas, mágicas também. Algumas são encontradas no Brasil. É sobre a medicina que se usa nas aldeias do Benin e da Nigéria, de onde saíram os negros que vieram para Bahia. As pesquisas científicas com plantas acontecem em todo mundo. Os laboratórios sempre estudam a composição das plantas, partem do que fazem as pessoas que têm conhecimento prático para chegar aos medicamentos. Os remédios sempre imitam a natureza. Já há farmacêuticos e outros especialistas interessados. O livro trará pouco mais de 400 fórmulas, descritas em quatro línguas. No total recolhi mais de duas mil combinações de plantas.

O Globo: Como o senhor conseguiu recolher tantas fórmulas?

Pierre Verger: É difícil conseguir informações desse tipo quando se quer. Eu aprendi sobre o assunto porque não queria saber. Cheguei a África, onde terminei vivendo 17 anos como fotógrafo. Acontece que para fazer boas fotos é preciso se deixar esquecer no lugar, esquecer de onde a gente veio, viver normalmente entre o povo da terra, para que tudo fique natural. É uma atitude um pouco passiva, a mesma que tive em minhas pesquisas. (...)

O Globo: Há quem diga que as novas gerações de negros baianos começam a perder o contato com suas raízes africanas, que estão mais voltados para o que fazem os negros em outras partes do mundo. O senhor concorda?

Pierre Verger: Não há um Brasil, são muitos brasis. Reconheço que os estados brasileiros, que culturalmente são diferentes uns dos outros, começam a ficar parecidos, misturados, talvez por influência da televisão. Mas a Bahia tem um sabor particular, essa influência muito forte dos descendentes de africanos da costa do Benin. Essa terra ainda é muito diferente do resto do país. O que me atrai aqui é justamente essa mistura cultural, que faz com que na Bahia possam conviver pessoas de origens diferentes, sem problemas. Há problemas começando agora, mas são coisas que vêm de fora.

O Globo: Que problemas são esses?

Pierre Verger: Problemas inter-raciais, porque a Bahia passou a ter elementos que não tinha no passado. Elementos que vêm um pouco da atitude de certos intelectuais que vivem falando em racismo. Só pelo fato de falar no assunto, ele começa a se tornar realidade, começa a se criar uma situação que não existia antes. Porque, afinal, a Bahia é o lugar do mundo onde encontrei as relações raciais mais fáceis. Aqui não existem bairros negros, aqui se chama um amigo de “meu nego” para ser gentil, negro é uma palavra carinhosa. Isso se baseia no fato dos negros, mestiços e brancos terem uma vida em comum. Não é que o racismo não exista, mas a sociedade baiana discrimina menos do que resto do mundo, o que já é um progresso. Agora, tem aquela gente que não quer parecer negro, quer ser mais clara, ter cabelo liso... Isso é uma piada. Quando



cheguei a Bahia, em 1946, nem notei que aqui vivia também gente branca. Só descobri que tinha branco tempos depois, quando tive de ilustrar um livro de um professor da Universidade Federal da Bahia, sobre elites de cor da cidade, publicada pela Unesco. O que eu acho é que na Bahia há um certo prestígio em ser negro, por causa do candomblé.

O Globo: De que forma o candomblé confere prestígio aos negros baianos?

Pierre Verger: O candomblé é admirado e respeitado também pelos brancos, e isso faz com que se tenha um certo orgulho de ser negro. Os negros ligados ao candomblé não sofrem preconceitos raciais. Veja o caso de uma vendedora de acarajé: essas mulheres geralmente são filhas de santo, e por isso o pessoal vai lá com um certo respeito, as pessoas ligadas à seita beijam a sua mão. Cria-se uma atmosfera de apreço pela gente de origem africana.

O Globo: O senhor não vê nisso algum traço de folclorização da cultura negra?

Pierre Verger: Não acho que seja folclore, porque a cultura negra está presente na cidade. Alguns dos maiores edifícios de Salvador têm nomes de orixás – Iemanjá, Xangô, Oxaguiam, Oxalufã. As pessoas que vivem ou trabalham nesses edifícios estão contentes com isso. Coisas desse tipo fazem com que os negros se sintam bem em sua pele. Pode haver algum tipo de racismo, mas que não se deve esquecer que existe também essa valorização da cultura chegada com os africanos. (...)

O Globo: O transe, no candomblé, funciona como uma terapia psicanalítica?

Pierre Verger: O candomblé é muito importante do ponto de vista da psicanálise, com uma grande vantagem. Na psicanálise há o psicodrama, as pessoas são levadas a representar publicamente o que está escondido em sua personalidade, mostrar seu lado mais vergonhoso. Isso é horrível. No candomblé é o contrário, isso ocorre em clima de festa, a gente pode mostrar o que é e ser admirado, porque afinal de contas não é a pessoa que está fazendo ou dizendo aquelas coisas, é o orixá.

Entrevista de Pierre Verger por Maria José Quadros publicada no jornal O Globo 16/08/1992.



Para não dizer que não falamos dos irmãos indígenas

Ninguém duvida da importância das cunhadas para a Maçonaria. Elas são a porta de entrada para a instituição e muito mais que o braço filantrópico da Ordem: as cunhadas são a perfeita metade de nossa união e a cúmplice insubstituível de nossa utopia. Elas nos cercam: as cunhadas estão atrás, ao lado e à frente do nosso projeto de aperfeiçoamento. Sem elas, nem a Maçonaria nem a Humanidade teriam futuro.

Para o polêmico antropólogo, educador e escritor Darci Ribeiro, sem as cunhadas o Brasil não existiria.

Cito: “A instituição social que possibilitou a formação do povo brasileiro foi o *cunhadismo*, velho uso indígena de incorporar estranhos à sua comunidade. Assim que ele a assumisse, estabelecia, automaticamente, mil laços que o aparentavam com todos os membros do grupo.”

Tornando-se marido, o estrangeiro passava a fazer parte da sociedade nativa, pois tornava-se parente de todos os membros da comunidade: “Isso se alcançava graças ao sistema de parentesco classificatório dos índios, que relaciona, uns com os outros, todos os membros de um povo. Assim é que, aceitando a moça, o estrangeiro passava a ter nela sua *temericó* e, em todos os seus parentes da geração dos pais, outros tantos pais ou sogros. O mesmo ocorria em sua própria geração, em que todos passavam a ser seus irmãos ou cunhados. Na geração inferior eram todos seus filhos ou genros”, escreve Darcy Ribeiro.

“Sem a prática do cunhadismo, era impraticável a criação do Brasil. Os povoadores europeus que aqui vieram ter eram uns poucos náufragos e degredados, deixados pelas naus da descoberta, ou marinheiros fugidos para aventurar vida nova entre os índios. Por si sós, teriam sido uma erupção passageira da costa atlântica, toda povoada por grupos indígenas”, continua o antropólogo.

Um exemplo é João Ramalho, “fundador da paulistidade”, “muito aparentado com os índios”, tão poderoso que, em 1553, era capaz de levantar, cinco mil índios de guerra, enquanto todo o governo português da época não conseguiria dois mil.

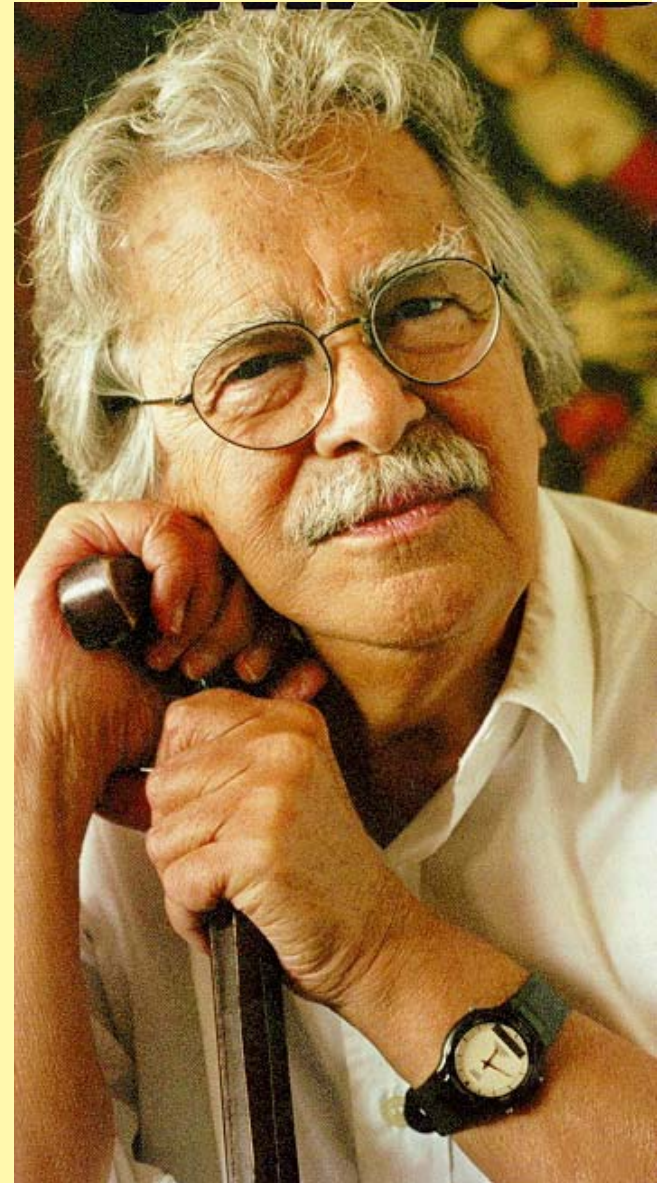
Diogo Álvares Correia, o Caramuru, “pai heráldico dos baianos”. Náufrago, ele foi bem acolhido pelos índios Tupinambás, cujo morubixaba Taparica lhe deu uma das filhas, Paraguaçu. Ele se fixou na região em 1510 cercado de sua numerosa família indígena e se converteu na base essencial da instalação portuguesa na Bahia.

O processo foi o mesmo em Pernambuco, onde vários portugueses de “acunhadaram” com os índios Tabajaras, inclusive Jerônimo de Albuquerque, grande capitão de guerra na luta da conquista do Maranhão ocupado pelos franceses. Aliás, os franceses se acunhadaram com os Tamoios para tentar fundar a França Antártica, na Ilha do Governador.

Os índios brasileiros pagaram caro por essa hospitalidade. Esgotado o ciclo do cunhadismo, os colonizadores passaram às guerras de captura dos seus ex-parentes como mão-de-obra para seu projeto mercantilista, até levá-los à beira do extermínio.

Talvez seja preciso inventar uma nova forma de cunhadismo. Ou talvez ele já exista. O certo é que, hoje, mais do que nunca, o mundo inteiro precisa das cunhadas Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Sem elas, a tribo humana corre perigo de extinção.

Fonte: Darcy Ribeiro. *O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, pp. 81-86.



22

78934617 - ID
55*438357*8

A VOZ DO

Escreiba

NOVEMBRO 2010

Jornalista Responsável: Jaricé Braga

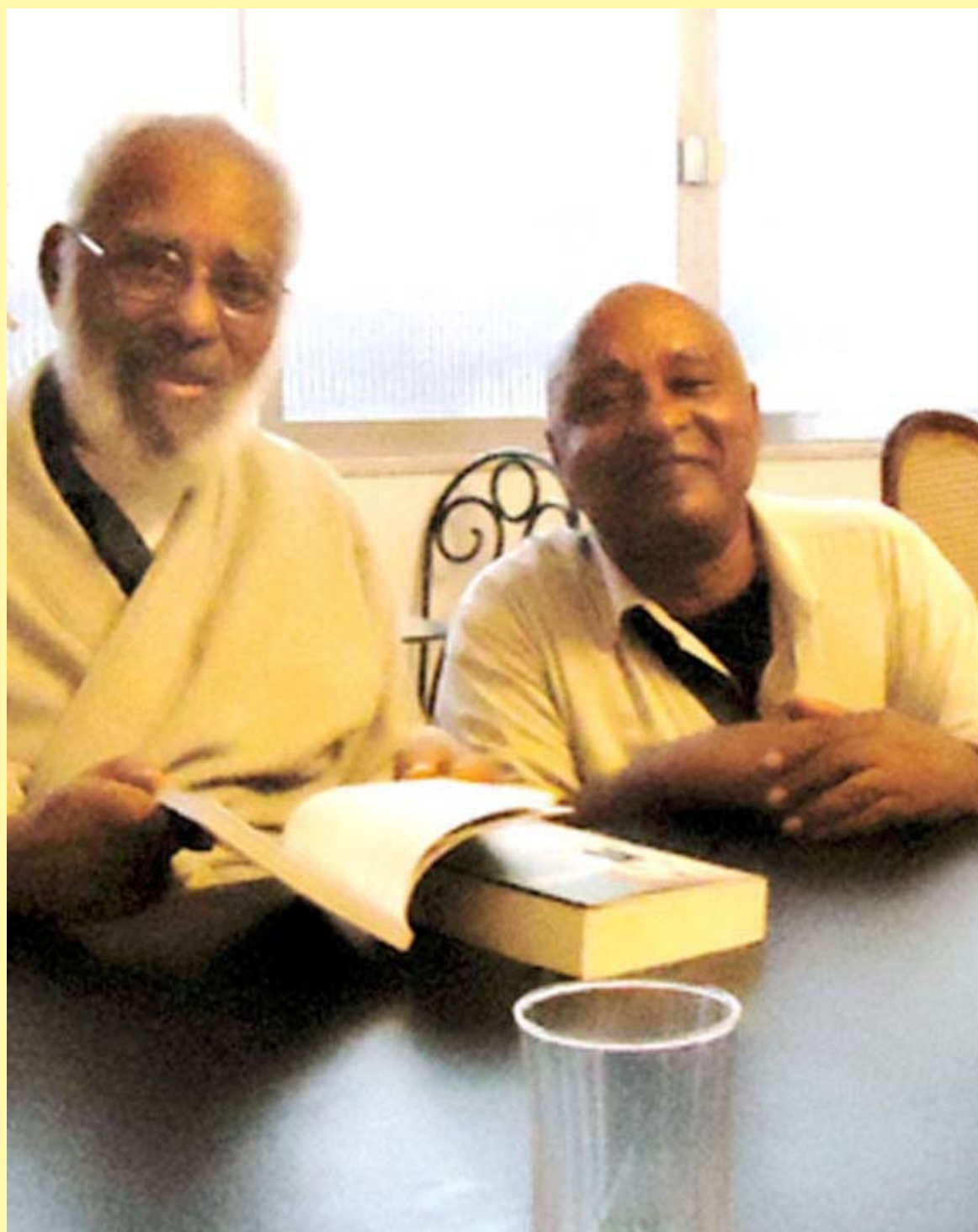
Os dez negrinhos

Guile Xangô conta que a equipe de TV invadiu o salão do Hotel Fazenda Fonte Nova com luz câmera microfone empáfia, e a repórter não disse bom dia boa tarde como vai, foi logo metralhando perguntas o senhor é o Barão, foi o senhor Barão que encontrou os corpos trucidados no chalé, foram seus empregados, seus seguranças participaram, foi o senhor que deu ordens para o massacre?

Maximiliano Álvares de Albuquerque, o Barão, afirmou que a repórter não passava de uma atrevida mal-educada e que deveria se retirar das dependências do hotel, ela e sua turma, naquele exato momento, porque a porta da rua era a serventia da casa. Declarou que não entendia aquela barulheira toda por causa de meia dúzia de vagabundos e que, na sua região, nas terras dele, o costume era cortar o mal pela raiz, o último gatuno saiu dali com os próprios pés, mas sem as mãos, e todos viviam na santa paz de Deus há mais de 50 anos.

A repórter insistiu, parecia chuva, e fazia muito tempo que não chovia por ali, como aconteceu, quando aconteceu, por que aconteceu e, se o senhor Barão não foi o mandante, por que deixou acontecer já que era dono e senhor do pedaço? O Barão confessou que não sujava mão com tão pouca tinta; e a repórter insistiu quem matou os meninos; e o Barão se encrespou, não eram meninos, eram bandidos, e com certeza eles próprios se mataram, bandidos são capazes de tudo, antes eles do que eu. E a lei, perguntou a repórter; eu sou a lei, respondeu o Barão; e a repórter: e a justiça; e o Barão: eu sou a justiça; e a repórter: então o senhor Barão concorda comigo que fez justiça com as próprias mãos; e o Barão: a justiça é cega, sempre foi, e eu não vi nada, não sei nada, não vi nada; e a repórter: mas não é muda, e eu sei que para o senhor Barão tanta faz seis ou meia dúzia, tudo bem, o senhor Barão já disse o que eu queria ouvir. E o senhor Barão, se policiando para não pular no pescoço da atrevida: eu não disse nada, a senhora é quem está dizendo, e dizendo asneira, isso é uma entrevista ou um tribunal; e a repórter: é uma entrevista, e bastante reveladora; e o Barão: a senhora está fazendo muita pipoca com muito pouco milho; e a repórter: se vamos falar de milho, é de grão em grão que a galinha enche o papo; e o Barão, triunfante: a senhora deve ser galinha para entender desse assunto; e a repórter, gritante: terminou a entrevista, tubarão de araque, a gente se vê no tribunal.

O Barão bateu com a bengala no tampo da mesa, ritmando a debandada da turba. Um garoto trêmulo veio trazendo uma garrafa de água mineral e uma batelada de pílulas. O Barão: quem pediu isso, quero conhaque, conhaque, e manda selar o Zelão. E o garoto: mas o doutor avisou que o senhor não



pode. E eu quero saber lá do que o doutor diz que pode ou não pode, disse o Barão, arremessando a bengala contra o garoto, que se desviou, pegou a bengala no ar, colocou a bengala sobre a mesa, fora de alcance. Você já está um homem, Tavinho, disse o Barão, furioso e surpreso, faz o que eu mando, é o melhor para a nossa saúde.

O Barão já estava no segundo conhaque quando o Pedro Paladino entrou acompanhado do Cigano. Você se encencou com aquele pessoal da TV, disse Pedro Paladino, eu dei ordens para você ficar calado, só falar na minha presença. E quem é você para me dar ordens, moleque, disse o Barão, você devia era estar cuidando pra que repórter nenhum viesse fuçar por aqui, mas nem isso você consegue impedir, e olha que eu lhe pago muito bem pra você cuidar dos meus assuntos. A morte dos meninos não vai ajudar em nada, pelo contrário, só vai complicar os seus assuntos, disse Pedro Paladino. A morte de bandidos não tem nada a ver com minhas terras, disse o Barão. Você pode até pensar assim, mas escuta o que eu vou lhe dizer, eles vão cortar a sua cabeça, vão acabar com você, disse Pedro Paladino. Isso não vai acontecer, disse o Barão, se levantando para pegar a bengala, e você vai continuar aí fechado em copas, Cigano? Os tempos mudaram, disse o Cigano. Os tempos mudaram e você só faz merda, Cigano, disse o Barão, some daqui, desinfeta, tira umas férias. Dinossauros, resmungou Pedro Paladino. Fala alto pra gente ouvir, disse o Barão. Eu estava aqui pensando que a extinção atual das espécies vivas do nosso planeta é um fenômeno natural que se inscreve no quadro do processo da evolução, mas, contudo, todavia, devido às atividades humanas, as espécies e os ecossistemas são hoje objeto de ameaças mais graves do que em qualquer outra época histórica, disse Pedro Paladino, engolindo de uma dose generosa de conhaque. O Zelão tá selado, disse Tavinho. Você vem comigo, disse o Barão para Pedro Paladino, você está muito gordo, cevado, aproveita pra fazer um pouco de exercício e me contar as novidades. Você paga, você manda, eu obedeço, disse Pedro Paladino, mas cuidado pra não cair do cavalo.

Do alto do cavalo, o Barão ouvia a tagarelice do Pedro Paladino, hipotecas, ações, liminares, testamentos, projetos de regularização fundiária em áreas de propriedade da União, títulos, cadastros, disposições constitucionais transitórias, causas impeditivas ou suspensivas, ascendentes e descendentes, tutela e curatela, novo código civil, senilidade. Traduz esse grego, pediu o Barão. O governo federal quer distribuir suas terras para os camponeses, disse Pedro Paladino, bebendo conhaque no gargalo, o governo estadual quer fazer daqui um clube campestre para seus funcionários, o governo municipal cobiça a área para construir casas populares, os empresários têm planos de inaugurar uma escola de futebol e seus filhos legítimos estão batalhando duro pra botar você num asilo sob a alegação de senilidade, entre outras coisas menos dignas, e depois arrancar algum trocado do governo federal ou do estadual ou do municipal ou dos empresários, se possível de todos, isso sem falar

nos seus sobrinhos e netos que também querem um pedaço do bolo, quer dizer, você continua um excelente partido, e aconselho você a se casar com uma beldade de vinte anos, trinta no máximo, uma balzaca bacanuda, fazer alguns filhos nela, se possível com a minha ajuda, estou pronto pra isso, sou um homem de boa vontade, um homem justo, e acredito que você merece uma família melhor no pouco futuro que lhe resta nesse mundo cruel. Acabou, perguntou o Barão. Acabei, disse Pedro Paladino.

Você não tem novidade, disse o Barão, agora me deixa e vai pastar, um conhaque dessa qualidade não se bebe no gargalo. Bom passeio, patrão, disse Pedro Paladino, você devia ir a Machu Picchu, as ruínas de lá são bem melhores, sei, sei, não precisa gritar, você não quer manter relações com a realidade, eu entendo, vai nessa.

O Barão trotou por seus domínios imaginários. Nada ali, agora, era real. Tinha existido uma fazenda com candelabros, pratarias, um cravo, três pianos, canapés, vasos, namoradeiras de palhinha, retratos nas paredes, lembranças de um passado grandioso que se movia no tempo, a visita do Imperador D. Pedro II se transformando na visita do ditador Getúlio Vargas e provavelmente nenhuma das duas visitas era verdadeira, apenas mentiras de prestígio. Uma típica fazenda de café, hortaliças, pomar de jabuticabas, e mangueiras, goiabeiras, abacateiros, mamoeiros e pés de jambo, tamarindo, carambola, jamelão, amora e grumixama, um imenso jataí, uma esplendorosa sapucaia. Porcos, cavalos, bois, vacas, cabritos, muitos cabritos, era a Fazenda dos Cabritos. As terras se espalhando em morros meia-laranja, aráveis a um alto custo e baixa produtividade, e só na base da tração animal.

A fazenda era um pouso natural para os viajantes. Com a chegada dos tempos difíceis, as despesas eram grandes, a família começou a cobrar uma taxa de pernoite, e o pouso virou pousada, depois pensão familiar, hotel, hotel fazenda. Deu certo aproveitar as fontes, as cachoeiras, a água farta, e o negócio cresceu. Piscinas, saunas, quadras de tênis, campos de futebol, lagos para pesca, açudes, cavalos, salões de jogos, uma pista de aviação.

Nada daquela herança era fruto do seu suor, do seu tino comercial, de sua visão de administrador. O Barão se comprazia em exibir seu porte atlético pelas piscinas, a dar aulas de tênis e de equitação às hóspedes mais atraentes, animar as festas, bancar jogadas e jogatinas. Foi a sua fase gloriosa e inconseqüente de pavão juvenil. Com o passar do tempo, deu-se o papel de agitador cultural, de relações públicas. As chegadas eram alegres e as partidas melancólicas, os shows inesquecíveis, a vida boa. Todos os irmãos, cinco homens e quatro mulheres, casaram-se com hóspedes. As cerimônias de casamento eram realizadas no salão principal, com muita pompa e circunstância, padrinhos ricos, convidados poderosos. O seu casamento foi na beira da piscina central.

Vieram os nascimentos e as mortes, mas a vida continuava. Até que as fontes secaram, as cachoeiras viraram barrancos, e o fim do hotel fazenda coincidiu com o fim da família. Fonte Nova caiu no seu colo



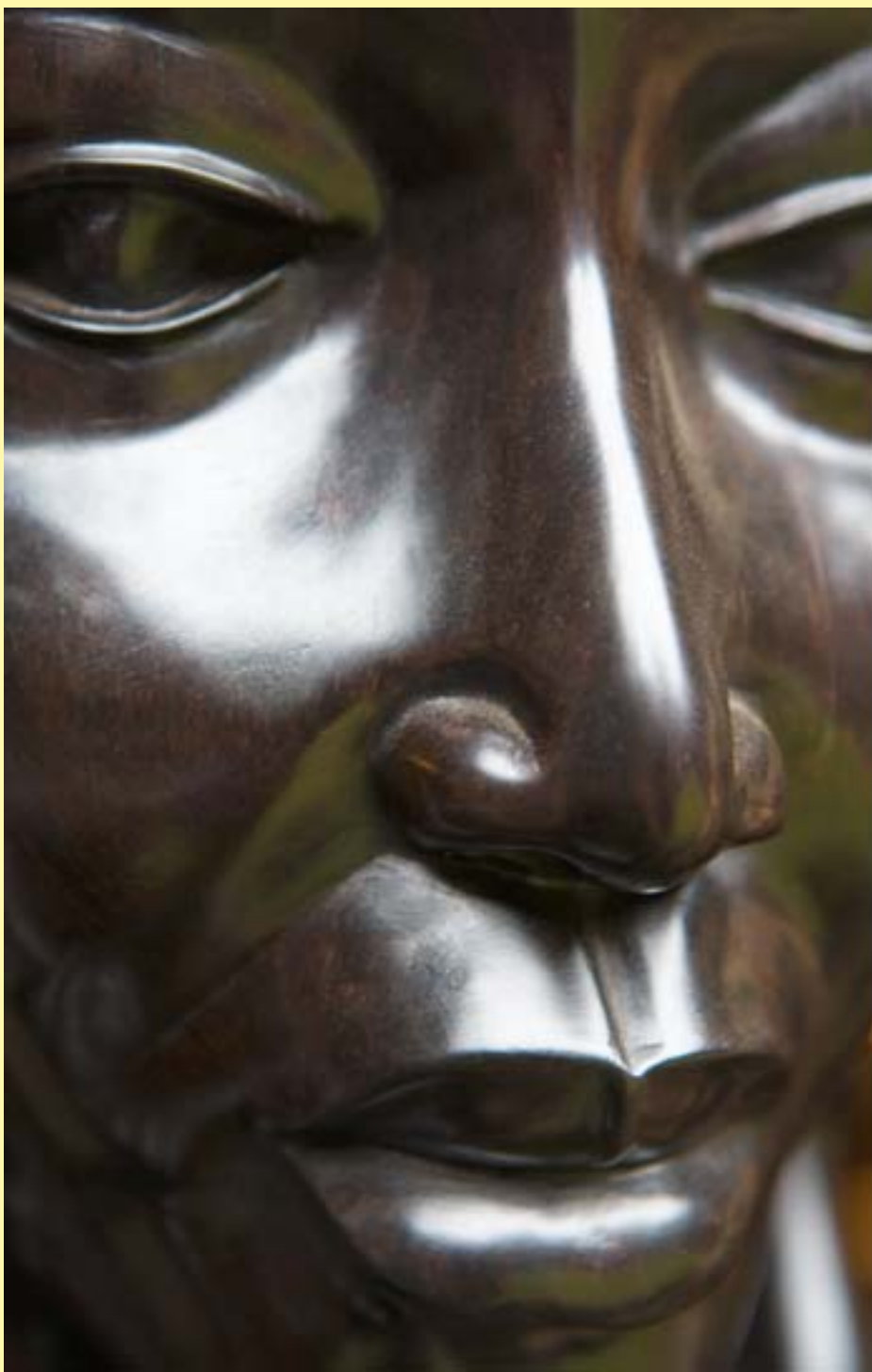
e, de centro do mundo, passou a ser periferia. O mato tomou conta das quadras, dos campos, as piscinas viraram esgoto, e tome mofo, decadência, sombras, fantasmas, silêncio, ruínas. Nenhuma avião descia mais daquele céu vazio. Agora queriam varrer suas memórias, mas só passando por cima do seu cadáver. Morreria sem deixar rastros. Não ficaria como nome de avenida, de praça, de escola, de clube, de conjunto habitacional, de bairro pobre. Lutaria até o fim, até o esquecimento total.

Veio trotando de volta para o hotel, o vento no capim, bandos de anuns, urubus no céu morto. Cruzou com quatro trabalhadores que ainda tentavam conservar alguma coisa contra o cupim do tempo, uma tarefa inútil. O velho Cigano, pau para toda obra, limpava a única piscina ainda em condições de funcionamento. A água vinha em caminhões-tanque e era nela que dava as suas braçadas diárias, ainda tinha orgulho de sua forma física, não se entregaria sem luta. Cigano ergueu a mão em saudação, o corpo em posição militar, a arma na cintura, seu eterno guarda-costas. Devia estar longe daqui, mas continuava visível, como se nada tivesse acontecido, cabeça dura. Acenou de volta e continuou seu trote. Falaria com Cigano quando tudo se acalmasse, mas já sabia a resposta da pergunta que lhe faria, o Cigano era homem de uma palavra só e praticamente era tudo o que lhe restava como família. Não devia ter gritado: desinfeta. Na verdade, nada tinha acontecido.

Entregou o Zelão aos cuidados de Tavinho e subiu para seu quarto. Não demorou a adormecer. Sempre foi bom de cama e já não lembrava mais quando se acostumou com o fato de ser o único hóspede do seu próprio hotel. Preciso mandar o Cigano limpar o chalé, pensou o Barão, jogar gasolina, tacar fogo, fogo lava melhor que água. O sono veio como uma redenção, tacar fogo em tudo, lá da cidade eles veriam o grande incêndio.

Relutou durante uma semana, não vou, quem não deve não teme, mas o incômodo do carro de polícia parado na porta do hotel, dias seguidos, venceu sua teimosia. Vou no meu cavalo, disse o Barão. E foi, montado no Zelão, seguido pelo carro do Pedro Paladino. Apeou na porta da delegacia para ser recebido por uma pequena multidão que lhe gritava assassino, assassino, e abriu caminho a bengala e rebenque, rejeitando a proteção dos policiais, vocês não precisam me proteger, eu sei me defender da plebe, protejam essa súcia de vadios, malta de vagabundos.

A delegada recebeu Maximiliano Álvares de Albuquerque com o olhar curioso de quem examina uma relíquia. Sente-se, e ele sentou com um desconforto de colegial. O senhor conhece o cidadão Rogério Rodrigues dos Santos, ex-fuzileiro naval? Não conheço. Ele é seu empregado há 30 anos. Não tenho empregado com esse nome. E o nome Cigano lhe diz alguma coisa? Esse é meu empregado. Não sabia que Rogério Rodrigues dos Santos e Cigano são a mesma pessoa? Não sabia. Existem outros detalhes que o senhor desconhece? Não presto atenção em detalhes, e a senhora? Quem faz



as perguntas aqui sou eu. O Cigano está preso? Já lhe disse que sou eu que faço as perguntas.

A delegada mostrou imagens dos corpos dos jovens assassinados, ia apresentando as fotos como se estivesse jogando cartas, um jogo de pôquer. Não tenho nada a ver com esses vagabundos, disse o Barão. Não eram vagabundos, senhor Maximiliano, eram todos trabalhadores, quatro deles trabalhavam e estudavam, e só tiveram a infelicidade de achar que sua propriedade estava abandonada e pernoitar em um dos seus chalés num feriado prolongado. O mundo não vai acabar por causa de meia dúzia de negros, disse o Barão. Há quanto tempo, senhor Barão, se me permite lhe chamar pelo vulgo, há quanto tempo o senhor não sai de sua propriedade? Nunca saí, sempre vivi lá, disse o Barão, é o mundo, meu mundo, não preciso de mais nada. Precisa sim, senhor Barão, disse a delegada, o senhor não é a

lei, o senhor não é a justiça, o senhor não é o dono do mundo, o senhor precisa responder pelos seus desmandos.

Depois de quatro horas de interrogatório, o Barão não quis saber de cavalo. Voltou no carro de Pedro Paladino e não reagiu quando a multidão recebeu sua figura abatida com gritos de assassino, assassino.

Aboletou-se na velha cadeira de balanço e, da varanda do hotel, deixou seu olhar se perder nos espaços vazios, nas sombras. Eu não quero ser preso, disse o Barão. Vai sobrar pro Cigano, a corda sempre rebenta do lado mais fraco, disse Pedro Paladino. Se eu for preso, quero que você consiga minha prisão domiciliar, disse o Barão. Você sempre gostou de mordomia, Barão, tudo bem, disse Pedro Paladino, mas, se expulsarem você daqui, o mundo inteiro vai ser a sua desgraça, aí não vai fazer diferença se você vai mofar num asilo ou numa cela de prisão.

Tavinho veio lá de dentro com uma garrafa de conhaque e duas taças.

Não sei se você notou, Barão, mas os sete meninos mortos eram negros, a repórter que te

entrevistou é negra, a delegada é negra, eu não sou nada branco, disse Pedro Paladino.

Bobagem, o avô do meu pai, meu bisavô, o verdadeiro Barão, era como eu fui um dia, um homem alegre, amante dos prazeres da vida, do vinho, do conhaque, do jogo, das mulheres, ele gostava de ficar numa roda de meninos negros, de contar histórias pra eles, de puxar pelas rédeas um cavalo levando uma penca de negrinhos a passeio e quando foi decretada a Abolição todos os escravos decidiram ficar aqui nessa fazenda, eles acharam que a Abolição foi um péssimo negócio, disse o Barão.

Muito bonito o que você diz, Barão, disse Pedro Paladino, mas vai com calma, o mundo mudou, a história é outra, não dá mais para continuar abolindo negros.

Francisco Maciel